

Ano II—N.º 60
26 de Setembro de 1931
Preço 1 Esc.

reporter

Semanário das grandes reportagens



reporter

O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA
End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

Passaportes

Espanha, França, Brasil e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60

Tel. 762 Porto



A maravilha das grafo-
nolas, a ELECTRO-SONORA,
trabalha eléctricamente
ou por corda, motor
para 110 ou 220 «volts».

118—Rua de Cedofeita—120

PORTO

TABACARIA CENTRAL DE Aurélio Ferreira & C.ª, L.ª

TABACOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS—
LOTARIAS—SÊLOS, LETRAS E PAPEL
SELADO—IMPRESSOS DA JUNTA DE
CRÉDITO PÚBLICO—JORNALS E REVIS-
TAS—NOVIDADES LITERÁRIAS—PER-
FUMARIAS—ARTIGOS DE ALTA NOVI-
DADE

19, Praça da Liberdade, 20—PORTO

TELEFONE. 258

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e
tantas outras drogas que lhe têm impingido
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bol-
sa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empre-
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.
Constará que é só

KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha,
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe
em sua casa, e sem auxílio de ninguém, resti-
tuir a côr natural aos cabelos em **15 minutos**.
E êles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-
guem conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Re-
presentante M. CABRAL—R. Camilo Castelo
Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositário—
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—
Telefone 2 1415—Agente no Porto—A.
QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.ª—Telef. 87

CYMA

Se V. Ex.ª tem de presentear alguém,
deve lembrar-se que um relógio
desta marca, é o melhor presente
que pode encontrar.

VENDE-SE EM TODAS AS
RELOJOARIAS E OURIVESARIAS

ABC - ZINHO

O ÚNICO JORNAL PARA CRIANÇAS
QUE SE PUBLICA EM PORTUGUÊS

A B C-ZINHO sai às segundas-feiras

Todos devem ler o A B C-ZINHO porque instrue, educa,
diverte e custa só **1\$00**

Preços por assinatura: — Por ano (52 números) 48\$00; por
6 meses (26 números) 24\$00; por 3 meses (13 números) 12\$00.

Pedidos à Administração: — Rua do Alecrim, 61 a 65

Basta escrever um postal e o A B C-ZINHO irá parar à sua casa

Homens & Factos do Dia

Pena de morte

MAIS um português condenado à morte no estrangeiro! Agora são os tribunais da mana França — e pelo visto menos sensíveis do que os da América do Norte, ante os rogos diplomáticos, visto que os yankees perdoaram a vida a Pita Soares e os franceses confirmaram a sentença do pobre Esteves. Se um estrangeiro pertence a um país onde existe também essa vergonha da civilização que se chama pena de morte — a angústia que produz é menor do que nestes casos em que o condenado é filho duma nação onde, entre os raros progressos de que se pode orgulhar, está a ausência completa de assassinos legais — vulgo «carrascos» ou, em linguagem judicial, «executores de alta justiça»... Todos nós — todos, sem uma excepção! — estamos sujeitos a um desvario, a uma hora do diabo, a um abalo sísmico da própria alma; devemos admiti-lo como fatalidade possível — como ficarmos sob um carro eléctrico ou partirmos uma perna, caindo duma escada. E nós, portugueses, de nervos trepidantes, escravos dum código de honra muito mais exigente, por instinto de raça, que o dos outros povos, estamos muito mais vizinhos desse abismo do que um francês ou um americano. Saírmos da nossa terra, instalarmo-nos numa terra onde exista pena de morte é um perigo tão sensível, tão

fácil e tão grave como emigrarmos para esses infernos tropicais onde o ar é peçonha, o sol fogo vivo e a água condutora de todos os males... Um português que viva em França, nos Estados Unidos, ou na Inglaterra está sempre ameaçado da guilhotina, da cadeira eléctrica, da fôrca — como ameaçado da lepra se encontra quem habita entre leprosos... E detalhe paradoxal: são as fâneas dos que prégam a piedade, o amor, o ódio ao crime aquelas que melhor defendem a pena de morte, que é o mais covarde dos crimes porque é o crime dum matador que em nada se arrisca, que toca do alto do seu magistério a campainha do mandarim para que o mandarim morra muito longe, sem perigo que, esbracejando, o apunhale, sem perigo, sequer, que o sangue o salpique. Creio mesmo que se obrigassem os juizes desses tribunais a serem os executores das sentenças que proferem; se os obrigassem apenas a assistir às matanças que ordenam — talvez fossem mais refractários e menos decididos nos seus julgamentos. Ah! Conheço bem todos os argumentos dos que defendem a pena de morte... Conheço bem os sagrados deveres de defender a maioria honrada contra a minoria facinorosa... Conheço até aquele lugar-comum: «Como? Que acabemos com a pena de morte?... De acôrdo! Mas que os senhores assassinos comecem primeiro!» São poucos e pouco variados os seus argumentos... E esquecem-se de que nos países onde não existe a pena de morte é muito menor a percentagem de crimes! Esquecem-se de que quando um país acaba com esse crime legal — o crime decresce imediatamente, como o provam as estatísticas!

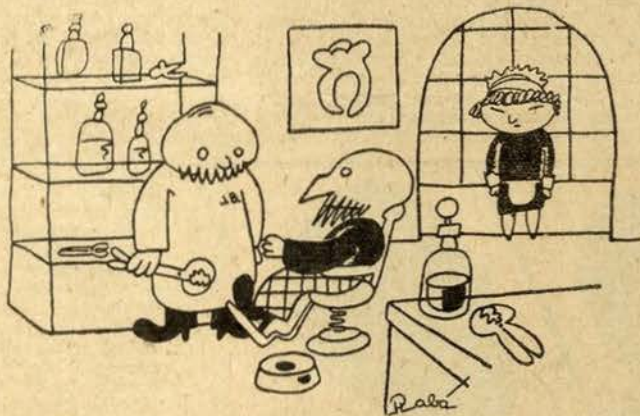
Mas não é este o pior ou, pelo menos, o mais grave aspecto da pena de morte. É ou não é freqüente o erro judiciário? Todos os tribunais estão manchados desses erros irremediáveis. Todos os erros se perdoam, menos estes! Se um juiz se equivocou condenando um inocente ao degredo, à penitenciária, sempre é tempo de reparar a falta, de libertar o inocente, de rehabilitar o deshonrado! Mas... se o condenou à morte? Como salvá-lo, como restituí-lo à vida? E só a França, durante a guerra, condenou à morte duas centenas de inocentes. É a própria França que o confessa, rehabilitando-lhes depois a memória! Grande recompensa para os desgraçados que morreram, para as mulheres, para os filhos, para as mães...

Não! Por dinheiro algum queria estar na consciência dum juiz que se reforma com um passado de cem ou duzentas condenações à morte... Aquele velho que Leroux apresenta no seu drama «Maison des Juges» é uma fotografia do remorso de todos os juizes. Bem podem eles escudar-se com o dever, com as leis que os escravizam, com a sociedade que os encarregou da defesa... Nada consegue apagar-lhes da memória as vidas que eles covardemente arrancaram com duas palavras e três penas!

É cada vez mais freqüente esta tragédia dos portugueses condenados à morte no estrangeiro. E se os anteriores mereciam a nossa piedade porque o seu crime, embora provado, estava perdoado, admitido e até obrigado pelos nossos códigos de honra — este pobre Esteves merece uma defesa mais entusiástica ainda, porque está inocente!

Inocente — e condenado à morte! Perguntarão em que me baseio para fazer esta afirmativa... Ah! É que eu conheço esses portugueses simplórios, portugueses genuínos que a guerra arrancou à massa ingênua e boa do povo e os levou para a França! Que contraste entre as suas aldeias e o fulgor da França, sobretudo de Paris, com as suas luzes, as suas mademoiselles tão transigentes e vistasas! Não quiseram voltar à pátria. Na aldeia morreriam de tédio, depois de provarem a maçã da civilização galante. Ficaram em Paris. Conheci muitos como Esteves! O que eles sofriam, os pobres, por não se adaptarem aos costumes amorosos da França! O que elas lhes faziam, excitadas pelo másculo pulso dos ananthes lusos!

Não! Esteves está inocente! E estando inocente, que crime se pode comparar ao dos que o condenaram à morte? Perguntam-me: tu não admites então nenhuma pena de morte? Sim, não admito — mas compreendo. Compreendo a pena de morte do assassino quando mata. É o único que é coerente. A dos outros, a dos que combatem o crime — nunca!



— Se eu protestasse por me arrancar um dente com tanta brutalidade?
— Tirava-lhe outro.

O S

New-York, 7 Set. :

POR muito integrados que nós, europeus, sobretudo latinos, ibéricos, lusos, estejamos no maquinismo titânico e pasmoso deste país, desta cidade infinita e inesgotável de emoções, raro é o dia que não somos sacudidos por uma surpresa que nos alucina, que nos deixa durante horas ou dias verdadeiramente obcecados. Horas ou dias, porque logo a seguir a essa surpresa outra nos surge mais violenta e impressionante! E como não havemos nós, europeus, latinos, ibéricos, lusos, emocionarmos-nos, se eles, os próprios *yankees*, são os primeiros a aturdirerem-se e embasbacarem ante este folhetim constante que é a vida norte-americana?

Todos sabem que os jornais deste país têm numerosas edições diárias; o novo rotativo populista e sensacionalista, «The Daily Red», bate o «record». A sua primeira edição é às 5 horas para os arredores; a segunda às 6, para os que recolhem dos trabalhos de madrugada, ou das orgias; a terceira às 7 e meia, para os operários; a quarta às 9, para os empregados de escritório; a quinta às 10 e meia, para banqueiros, financeiros, industriais, para os *patrões*, em suma; a sexta ao meio-dia (a principal), para a hora dos almoços; a sétima às 14, com as primeiras notícias da tarde; a oitava às 16 e meia, para os arredores; a nona às 18, para a saída dos escritórios; a décima às 19, para a saída das fábricas e para a hora do jantar; a décima primeira às 20, para a entrada dos teatros, e a décima segunda e última às 23, para a saída dos teatros e entrada dos «cabarets». Pois bem: «The Daily Red» consegue em todas as suas edições electrocutar o público com uma descarga de reportagens sensacionais, todas autênticas, produto exclusivo da actividade e da vigilância do seu enorme regimento de *reporters*. Ao acaso, pego numa das suas edições de hoje, a do meio-dia. O que vejo, logo na primeira página?... O célebre bailarino russo Tjavernine suicidou-se, projectando-se, *desfazendo-se*, do alto do 23.º andar do seu hotel de Broadway, porque — deixou escrito: «Sendo o mais requintado e intelectual dos artistas não obtive do público de New-York o menor aplauso, enquanto vulgares dançarinos de tango, como os irmãos «Domaz», fazem uma verdadeira fortuna.» Um gatuño desconhecido inaugura um novo processo de assaltar joalharias, lançando em plena 5.ª Avenida, no passeio em frente aos famosos «Jocobs C.º», uma «bomba de fumo», imitação da fumarça usada pela esquadra *yankee* para se ocultar do inimigo; e graças a esse fumo, que ergueu uma verdadeira muralha na avenida, afugentando toda a gente e velando, como um dilúvio negro, o larápio, este, que vinha prevenido com uma lanterna especial, entra na joalheria, sempre protegido pelas ondas de fumo, limpa os cofres e desaparece, sem ser incomodado... E como estes *faits-divers*,



uns dez ou doze, logo na primeira página... Mas de todos, o que mais me impressionou, o que fez com que o jornal fôsse arrancado, avidamente, das mãos dos vendedores, foi o desenlace, tão impacientemente aguardado, da prisão dos «Seis» de New-York e que resultou mais um fracasso para a polícia e uma vitória para «eles».

6 — 1 = 5

Há três meses que não se fala noutra coisa, não só em New-York, palco das proezas dos «Seis», mas em todas as cidades americanas; e para que os americanos tenham a constância de prenderem a sua atenção, tanto tempo, no mesmo assunto é preciso, de facto, que ele ultrapasse todas as emoções conhecidas até hoje.

Chicago é a grande cidade do crime, pela fama que lhe deu Al Capone e os outros Al Capones; contudo New-York, com uma população superior em alguns milhões, com uma vida muito mais intensa, com um porto aberto ao mundo inteiro, onde desembarcam todos os dias milhares de estrangeiros, vindos não se sabe de onde; onde todas as raças do globo estão representadas em colónias, numerosas como povos, apresenta a sua estatística de banditismo muito mais grave do que a de Chicago. Basta dizer-se que essa estatística acusa um pequeno roubo cada segundo, um grande roubo cada quarto de hora, uma cena de sangue cada meia hora, um crime cada 40 minutos, um crime intrigante cada hora, uma prisão cada 2 minutos! Não é vulgar, pois, que um crime, uma proeza de bandido se sobreesia dos outros...

Há três meses, diziamos nós, surgiu a primeira façanha dos «Seis». Num hotel aristocrático da 10.ª Avenida, hospedaram-se, no mesmo dia, a horas diferentes, seis «gentlemen» — todos de idade vária —, uns jovens, outros quarentões, outros já de idade respeitável, registando-se no livro do hotel sob as seguintes personalidades: O 1.º, diplomata polaco (e falou polaco com o correitor do hotel); o 2.º, jornalista húngaro (e falou húngaro com o intérprete do hotel); o 3.º, deputado francês (e só sabia falar francês); o 4.º, dramaturgo e poeta italiano (e só falava italiano); o 5.º, químico alemão (só falava em alemão); e o 6.º, comerciante da cidade do Porto (Portugal), exportador de vinho (e falou português com o gerente do hotel, que viveu muitos anos no Brasil). Como lhes disse já, todos eles se instalaram a horas diferentes, em quartos diferentes, e, detalhe curioso, apresentando todos os seus documentos comprovativos de suas identidades e exibindo cartas em

que davam a entender que tinham vindo a New-York, convidados uns pelos outros, a uma conferência da mais alta importância. Nos dias que se seguiram, o diplomata polaco perguntava se o deputado francês ainda estava no seu quarto; o comerciante português deixava um recado para o dramaturgo italiano, etc.. Cada um deles criou as suas relações no hotel e no exterior, falando muito nos seus outros amigos e companheiros. Desta forma criaram-se, para a vida social de New-York, seis novas personalidades, que se protegiam, defendiam e se impunham mutuamente, constando que a sua reunião nesta cidade objectivava um grandioso — embora um pouco enigmático — projecto internacional. Chegaram mesmo a falar em conferências com o presidente da República, em Washington...

Um dia, pouco depois, um banqueiro, amigo íntimo do diplomata polaco e do deputado francês, teve as suas suspeitas sobre o primeiro e desabafou-as ao segundo; e o segundo, por sua vez, confessou que andavam, ele e os seus companheiros, gravemente apreensivos com o diplomata polaco, que não era tão sério como eles pensavam. E a falta de seriedade do polaco não tardou em provar-se, não só em várias falcatruas ometidas nas carteiras das suas relações exteriores, como nas dos seus próprios companheiros.

O deputado francês apresentou queixa à polícia contra o diplomata polaco, mas este não tornou a aparecer...

OS CINCO RESTANTES...

Ficou o grupo reduzido a cinco... Mas pouco depois era o comerciante português que ouvia de outros banqueiros e de outros políticos e industriais americanos queixas contra o dramaturgo italiano, queixas que ele agravava confessando que ele, português, e os seus companheiros também já andavam suspeitos do dramaturgo. O desenlace foi igual: O português apresentou queixa contra o italiano, as outras vítimas imitaram-no, mas o italiano desaparecera, sumira-se da terra, como se sumira, semanas antes, o diplomata polaco. Entretanto a polícia tinha a nítida certeza de que tanto o polaco como o italiano haviam organizado os seus bandos e que continuavam a manobrar activamente — genialmente! E este convencimento nascia da semelhança e da frequência das suas façanhas.

Detalhe a fixar: as vítimas desses dois estrangeiros e respectivos cúmplices eram exclusivamente ricos egoístas, avarentos, pouco escrupulosos, gananciosos, usurários, patrões deshumanos, etc.; e ao mesmo tempo que eles aligeiravam, pela violência e pela habilidade, as carteiras a estes ricos pouco simpáticos, sentia-se um fortalecimento novo, uma nova mocidade nos grêmios, sindicatos de operários e, sobretudo, nos bairros onde abundavam os sem trabalho... Um redactor de uma folha comunista começou a criar um ambiente de simpatia em redor do polaco e do italiano, insinuando que eles roubavam aos milionários sem entranhas para distribuir pelos pobres e para fortalecer a «causa».

Ora bem...



O grande mistério da semana

«Seis» de New-York

Extraordinário episódio da vida norte-americana que, tendo apaixonado, nas últimas semanas, a imprensa, o público e a polícia, nos interessa particularmente pelo que... já se vai lêr.

(ESPECIAL PARA O «REPORTER X»)

O ÚNICO HONRADO...

O grupo dos seis estrangeiros que tão bem acolhido fóra na alta sociedade de New-York, despendendo à sua volta uma corrente de simpatia e de curiosidade, fôi minguando pouco a pouco. Hoje era o químico alemão que, à frente de dez ou doze banqueiros — vítimas —, apresentava queixa contra o jornalista húngaro; depois era este que se queixava daquele; e ao cabo de dois meses apenas restava um: o comerciante português, que revelou o seu nome, dizendo chamar-se Aratijo Rodriguez (com z...) mas que falava indiscutivelmente bem o nosso idioma, como os outros se expressavam, sem a menor pronúncia estrangeira, nos respectivos idiomas... O comerciante português lamentava-se. Afinal fóra êle a única vítima, sendo o único honrado. Os outros cinco, estava provado, formavam um bando ou eram chefes de bando que se tinham agrupado para o roubar. Ele perdera, graças ao famoso projecto que o fizera vir de Portugal a New-York, perto de 300.000 dólares. Estava quasi arruinado. Saiu do hotel, que não podia pagar, e foi comer para uma casa modesta, num bairro modesto. E causou tão pungente impressão a sua desgraça que as vítimas dos outros ofereceram-se para o ajudar, exclamando, entre elas: «Este era o único honrado!»

A PRIMEIRA SURPRESA DA POLÍCIA

Os cinco restantes trabalhavam activamente. Cada um dirigia uma brigada de hábeis *escrocs* e larápios, protegiam-se mutuamente, apagavam reciprocamente os rastos que deixavam as suas pistas, sobrepunham-se, bifurcavam-se, emaranhavam-se, de forma a enlouquecer e a cegar os mais felinos *detectives* de New-York. E o aspecto mais grave da questão era que, graças às importantes somas que escamoteavam, iam fomentando as massas populares, fortalecendo-as, armando-as, financiando-as, agravando constantemente o perigo de rebeliões, de greves, de manifestações sangrentas... O pânico começou a invadir não só as autoridades como também a burguesia, a indústria, a finança, a política... Mas um dia todos os diários lançaram, ruidosamente, edições especiais. Estava descoberto o grande segredo dos cinco bandos aliados! A polícia possuía as provas de que, afinal, o químico alemão, o jornalista húngaro, o dramaturgo italiano, o deputado francês e o diplomata polaco eram uma só pessoa, um só homem, um só bandido, usando sucessivamente, quasi simultaneamente, com a agilidade de um Fregoli e de um prestigitador, as cinco personalidades. E assim se compreendia a dificuldade de se gizar uma pista. Quando se perseguia o polaco, êle mudava de pele, de nome, passava a ser o húngaro ou o italiano. A suspeita nascera no hotel. O gerente, reflectindo, recordando, chegara à conclusão de que, durante a estadia do grupo, jamais tinham aparecido dois juntos; jamais o polaco se encontrou com o húngaro ou este com o francês. De dedução em dedução, chegaram mesmo a apurar que o cavalheiro passava de leito a leito, de quarto em quarto, durante a noite, para dar aos vários criados a impressão de que cada um dos cinco individuos pernottara na respectiva alcova... Era de facto genial, o cavalheiro, porque não só burlara cinco circulos de relações, como criara cinco existências diferentes, com os seus

hábitos diversos, com os seus vários barbeiros, com as suas amantes exclusivas. Seguindo a pista de cada uma das individualidades, encontrava-se uma vida inteira, como se ela vivesse só para essa vida.

A polícia, os burgueses, os industriais, os banqueiros rejubilaram. Agora era fácil prender o cavalheiro — descastelar a ameaça que pesava sobre a cidade... Demasiado optimismo!

FRACASSO SOBRE FRACASSO

Mas não foi fácil. Nem fácil nem possível! Os *detectives* desesperavam! Quando o perseguiram, sob uma das cinco personalidades, quando julgavam ter-lhe tocado com a ponta dos dedos, eis que êle se esfumava, se diluia, desaparecia... Chegaram a seguir cinco pistas ao mesmo tempo; cada pista seguida por uma brigada de *detectives*; mas acabavam por se chocarem no mesmo sítio as cinco brigadas — como se houvesse um alçapão que o engulsisse misteriosamente. Entretanto, o «único honrado», o tal sr. Rodriguez, ia refazendo a sua situação, protegido por altas individualidades financeiras. Montara um escritório em Broadway, vivia numa casa mais elegante, nos arredores, e pensava mandar vir brevemente a mulher e os filhos.

Mas um *detective* mais hábil ou mais feliz que os outros resolve descobrir o segredo dos «cinco»; traça uma nova offensiva; perde noites, trabalha sem repouso durante oito dias — e por fim revela a sua descoberta: tinha sido impossível até então deitar a luva ao prodigioso *escroc* das «cinco caras» — porque a polícia ignorava que êle tinha «seis». Eram seis e não cinco as suas personalidades. O cavalheiro deixara, imaculada, a honra da sexta personagem — a do negociante português — para ter um refúgio, quando sob qualquer dos outros disfarces fosse perseguido. A polícia corria atrás do húngaro ou do polaco — e êle transformava-se *à la minute* no sr. Rodriguez; e como o sr. Rodriguez era o «homem honrado» — a polícia voltava as costas, convencida de que o perseguido se esfumara, se diluíra, ou que fóra engolido por qualquer alçapão.

Os graves acontecimentos do dia 2 dêsse mês — greve com aspecto revolucionário, que alarmou toda a cidade — e a certeza de que êsses acontecimentos foram fomentados, organizados, financiados pelo «Seis» — é assim que o designam agora — obrigaram o govêrno a exigir da polícia uma acção decisiva. Constava ontem que a polícia sabia o lugar da reunião de um dos seis bandos com o seu chefe; ora como os seis chefes eram um só homem, qualquer que fosse o bando, desde que se conseguisse prendê-lo, prendia-se o «Seis» também...

De facto, segundo informa a última edição de «The Daily Red», logo ao amanhecer importantes forças policiaes começaram a cercar um edificio de Canal Street, em cujas águas-furtadas devia estar refinido o bando sob a presidência do «Seis» sob a personalidade do químico alemão. Fechado o cerco, eram sete e meia, o director da polícia, James Teller, deu ordem para o assalto. A's sete e vinte e cinco, numa janela fronteira ainda se viam sombras no local da reunião. A's sete e trinta e sete, quando a polícia, estrangulando o cerco, invadiu a casa, a casa... estava vazia. Só duas horas depois se descobriu o caminho seguido pelo «Seis» e seus cúmplices. Num canto da sala existia uma estante, movei levíssimo. Sob a estante, um alçapão que abria para um túnel. Este túnel, passando sob cinco telhados, ia desembocar nas águas-furtadas de um prédio de Hudson Street. Os cavalheiros, ao pressentirem a polícia, manobram o maquinismo do alçapão, atravessaram o túnel, em cima do qual estavam dezenas de *pollicemen* (longe de suspeitarem do que se passava sob os seus pés), e chegaram tranqüilamente à casa de Hudson Street. Uma vez ali, mudaram de máscaras, saindo cada um por sua vez. Uns garotos declararam ter visto no ângulo da rua dois «autos», os quais partiram velozmente mal nele entraram vários bandidos...

Em resumo. Novo fracasso da polícia! Afiram as autoridades que o «Seis» é russo e trabalha sob indicações de Moscow, mas alguns jornalistas garantem que êle é português, que foi artista de «music-hall» e que se chama Eduardo dos Santos Ribeiro. Contudo, o artista a que êles se referem está dado como morto e enterrado no cemitério de Oeste; mas nada mais fácil para um homem como êste do que morrer... e ressuscitar!

ALBERTO SILVA

(Todos os direitos reservados.)

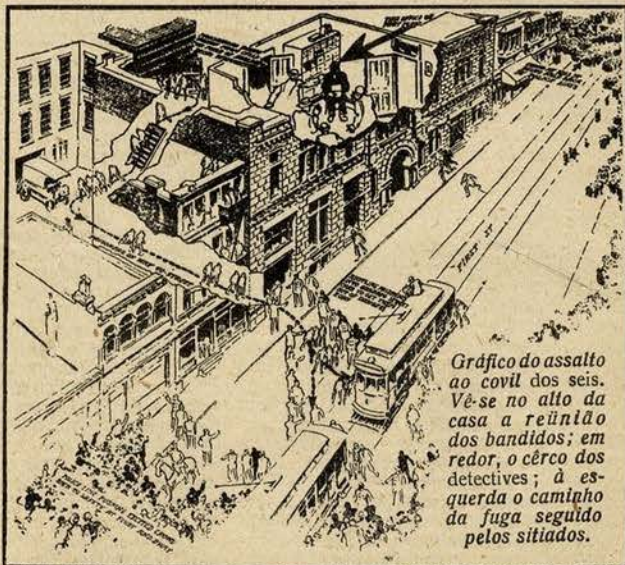


Gráfico do assalto ao covil dos seis. Vê-se no alto da casa a reunião dos bandidos; em redor, o cerco dos detectives; à esquerda o caminho da fuga seguido pelos sitiados.

Mr. Robert americana queria LIS



bert, o no que comprar BOA

HESITAVAMOS, decerto, em publicar esta reportagem se não fôsse o sêdo de veracidade de que a chancela o nome bem conhecido de quem nos agenciou o assunto. Quem não conhece Abilio Campos, uma das mutilações mais gloriosas do trágico 9 de Abril, fundador e gerente do «Comptoir International» da Rua Augusta? Moço que faz da simpatia intuitiva um talento requintado; da saúde moral e física, uma ventosa aplicada à vida — aplicada *pour le bon motif* —, conquistou definitivamente a idolatria dos que o cercam com a sua iniciativa da «P. B. I.», com a qual salvou da gula da Tuberculose milhares de crianças...

...Foi Abilio Campos — e ele está vivo e em contacto com a maioria dos nossos leitores, não nos deixando mentir — quem nos explicou o segredo da viagem a Portugal de Mr. Robert Hamilton. Falara-nos dêle, um mês antes, num encontro do Chiado, e depois, pelo telefone, avisara-nos: «O nosso homem, americano *signé* «Reporter X» que te citei há tempos, desembarca amanhã em Lisboa. Se queres entrevistá-lo, sê pontual: às duas da tarde no Cais do Sodré. Lá estarei.»

Conhecíamos a Babilónia flutuante que trazia o «Rei-Dólar», uma maravilha dos estaleiros italianos, onde fomos obrigados a desacreditar a fama de José Estevam na eloquência com que brindámos o comandante, ao *toast* do almoço oferecido à imprensa lisboeta a pretexto da sua primeira passagem pelo Tejo. Durante a curta travessia do rebocador que nos conduziu a bordo do transatlântico, Abilio Campos esclareceu-nos as meias palavras com que nos prometera a visita de Mr. Hamilton Robert — «...um ricoço de Boston que depois de estanciar várias vezes em Portugal, no acaso das suas contínuas viagens (expressões textuais de Abilio Campos), germinara empresas — talvez banais para o ritmo da vida *yankee* mas irremediavelmente escandalosas para a ronceira do nosso meio...»

— A técnica do milionário americano é invariável — explicou o nosso amigo, enquanto o rebocador estripava, como uma imensa navalha, o ventre azul do Tejo, arrancando-lhe ondas de espuma. — Cai-lhes em sorte determinado negócio; começam a arriscar nele um dólar e muita energia, e acabam por comprar todas as concorrências, ficando senhores absolutos desse negócio, seja de petróleo ou de carvão, sejam êles reis do ferro ou do chouriço. Chama-se a êste sistema o *trust*. A originalidade de Mr. Robert, como arquimilionário, está na sua leviana ou volúvel tendência a «milionário de cem negócios», ou seja de «negociante de cem instrumentos». Acumula empresas como monopoliza milhões — mas com a característica de variar de género — como os outros procuram apenas dilatar-se num só género. É um sultão de iniciativas financeiras — com milhares de odaliscas industriais e comerciais. O negócio para êle já não é uma fórmula de hipertrofiar os seus inesgotáveis tesouros mas sim uma nevrose ansiosa de novos vícios, de novos prazeres, de novas

emoções. Funda companhias como se conquistasse amantes. Arrisca capitais como se jogasse à roleta. Inventa empresas como se fantasiasse *cocktails*. É êste o seu *tic* pessoal — e também a sua admirável indisciplina contra o dogma estabelecido pelos outros milionários americanos...

«Um dia — de regresso do Egipto ou da Índia (além de ser o maior accionista da «Paramount» e da «Chicago Tribune» possui, entre milhares de negócios, um Banco no Cairo e um «café» em Bombaim) — desembarcou em Portugal. Até àquela data Portugal era para êle um borrão sem o menor interesse, manchoando os mapas geográficos. Desembarcou, olfacteu, perguntou e encolerizou-se. Isso foi em 1921, e coube-me em sorte ser seu cicerone. «É inacreditável o relaxamento dêste país! É como se tivessem um Niagara a vomitar constantemente ondas de ouro e lhe voltassem as costas! O que eu faria desta terra se fôsse português!» Voltou cá em 1923, em 1927, em 1929 — e mais duas vezes, o ano passado. Amiudando as suas visitas foi tornando mais nítidas e menos nervosas as suas intenções. No último aperto de mão que me deu, declarou: «*My dear*... Se cá voltar, venho como um *Jakir* de romance transformar tudo isto.» Há duas semanas recebi um telegrama seu, datado de Havana (onde financia um «Palace-Hotel»), dizendo-me lacónicamente: «Resolvido, prepare-se para me ajudar. Chego Lisboa...» — que chegava hoje a Lisboa. Cá estou para o receber... e para lho apresentar.»

Mr. Hamilton Robert — «Robert Square 1224 — Boston-Phone C. 28.795», como se lê no seu cartão de visita — não usa luvas de ouro, chapéu cravejado de diamantes nem sapatos com fechos de platina. Veste como qualquer simplório americano que se fornece dos armazens de «fatos feitos para todos os corpos»... Deve roçar pelos quarenta e picos, aparenta uma vivacidade mais latina do que saxónica, e atrás de si vêm duas malas apenas — esplêndidas malas, verdade se diga, de magnífico couro da Rússia —, dois secretários pavoneando uns ares muito mais «milionários» do que êle e um criado de quarto, negro, que se chama Reginald e que olha com o superior desprezo de um milionário para os secretários e para todos os que se acercam do amo. Uma vez instalada a caravana no «Avenida Palace», Mr. Hamilton Robert expõe-nos os seus planos:

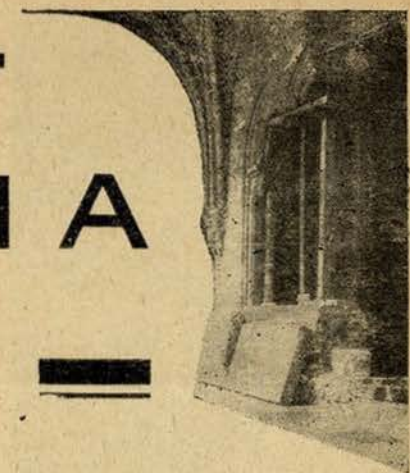
— Não é a primeira vez que penso em Portugal. Logo numa das minhas primeiras visitas — um passeio a um bairro extremo, debruçado sobre êsse magnífico rio que é o Tejo, que se chama Algés — me ocorreu a fundação de uma colónia americana. Sendo talvez «a menos observada» de todas as praias da linha de Cascais (como vê... conheço o terreno que piso), era a única que convinha aos meus planos. Cem a duzentas vilas ou *chalets* (e eu, com um anúncio num dos meus diários, teria mil concorrentes); um «Palace» autên-

ti co, um parque de diversões e um teatro como o Ibbone, Rewbrank, ou outro qualquer empresário, e o capital que empatasse estaria «rehabilitado» ao cabo de cinco anos. Mas para isso era necessário comprar Algés... Como? Eu disse *comprar Algés!* Faltou-me o tempo para o fazer... Não eram os preços que me descastelavam os projectos... Bem sei que aquela gente enlouqueceu, que pediu cem vezes o que pediria a outro qualquer, mas eu contava com o dôbro, e o dôbro não era caro! O que me impossibilitou foi o mesmo atrito contra o qual venho já preparado, mas que nessa ocasião me aborreceu: o tempo que se gasta em Portugal para se resolver o que já está resolvido, a discutir o que não tem discussão, a dizer que... «deixe-me pensar» (o que êles próprios têm medo que os outros pensem) — e desistem.

«A agricultura interessa-me como... xadrez. É possível que com alguns dos meus engenheiros transforme o Alentejo por completo. Se eu transformei, em três semanas, terrenos muito mais vastos e... de mais complexa resolução... na América! Mas o que me interessa apaixonadamente é outro negócio — um negócio muito diferente. Portugal é a mão que a Europa estende à América. Hoje, neste atrasadíssimo ano de 1931, os anti-diluvianos paquetes que atravessam o Atlântico trazem uma média de cinco mil passageiros, diários, da América para a Europa e quasi o dôbro da Europa para a América. Dentro de cinco anos o problema da aviação transatlântica está resolvido — garantido! — e então a viagem entre Lisboa-New-York, Lisboa-Havana, Lisboa-Caracas, Lisboa-Rio, Lisboa-Buenos Aires (ou vice-versa), que gasta actualmente sete, oito, dez, doze, quinze dias e custa um mínimo de 50 e um máximo de 800 dólares, gastará 30, 40, 60, 70 horas e custará um máximo de 50 e um mínimo de 5 dólares! Calcule agora o que será o tráfico entre os três continentes (digo três porque agrego ao «velho» o norte de África e o ocidente da Ásia) daqui a cinco anos. Se durar a lei seca — quem sabe? — haverá compatriotas meus que virão a Lisboa beber uma cerveja, porque lhes custa menos (e menos se arriscam) do que entrar em qualquer *cabaret* de Al Capone, de New-York ou de Chicago! E Lisboa será, irremediavelmente, o ponto de contacto dêsse choque de multidões dos que vêm ou vão de vinte países da América e de vinte e cinco dos outros continentes! Recebê-los — eis o meu projecto! Comprar terrenos, construir pequenas Américas civilizadas — eis o meu objectivo! E sobretudo não me afastar muito de Lisboa... Essa época futura — e próxima — seria a da máxima valorização do tempo! Para que o viajante esteja uma semana em Lisboa é preciso dar-lhe a impressão de que não perde um minuto! Acercar a cidade ao avião ou... ao transatlântico — seja marítimo

(Conclue na pag. 11)

O « FAN- TASMA DA SÉ »



« **S** E o vosso jornal edita-se todas as semanas um tómo folhudo como o «Larousse» — opinou o engenheiro sr. A. B.

— não faltaria assunto para o hipertrofiar... »

O engenheiro sr. A. B., um espírito brilhantíssimo a que a orquestração metálica das fábricas não conseguiu ensurdecer e que se dedica, com amor de amante, nas poucas horas vagas, e furtando-as até ao repouso, aos mistérios da arqueologia, visita-nos amuêde. Pertence à *élite* dos nossos informadores voluntários e ilustres. E cada visita que nos faz é uma reportagem que nos brinda. Naquela tarde exibimos-lhe, por curiosidade, um pouco do muito e constante catadupar de assuntos que inundam as nossas mesas —, sobre os quais não é possível exercer sequer um rápido *contrôle*. — «Veja, meu caro amigo... — convidámo-lo, mergulhando as mãos numa gaveta com papelada transbordante. — «Isto é já uma selecção, as matérias peneiradas em 24 horas... Pelo telefone: um aviso de que o capitão Lawrence tece, na Rua Ivens, em Lisboa, sob tabuleta de um escritório comercial, um ninho de espíadas da «I. S.», destinados apenas à *mise-en-scène* secreta da política luso-espanhola, mas mais espanhola do que lusa; três denúncias sobre *caffen* de alta roda, que exportam carne humana, e por grosso, para a América, em frigoríficos de habilidade sórdida; um internado no Manicócio C. F., que consegue atirar para a rua, por entre as grades duma janela, uma carta sem selo, endereçada à nossa redacção, com a súplica, escrita a lápis, para «a alma generosa que a apanhar a fazer chegar ao seu destino», e acusando tutores, médicos e enfermeiros de uma horrível conjura contra a sua liberdade e contra a sua fortuna; um alarme contra certo prédio lisboeta onde vive, oculta, uma família de leprosos, em adiantada decomposição, contagiando os vizinhos e ameaçando todo o bairro, etc., etc... Visitas de desconhecidos: uma dama de meia idade, com os olhos cheios de lágrimas, que nos pede protecção... contra o genro que a maltrata; um jovem estrábico, que se recusa a revelar-nos a sua personalidade e que se prontifica a ciceronar um dos nossos «reporters» a um local onde se pratica magia satânica; um cavalheiro respeitável, com uma corôa no bilhete de visita e um escudo no anel, que nos propõe escancarar os mais degradantes escândalos da alta sociedade, e que nos pergunta quanto lhe pagamos por cada denúncia; um pobre diabo de cotovelos rotos e barba de dias que nos cochicha aos ouvidos que descobriu uma nova arma para a «Guerra Química», cuja potência devastadora ultrapassa todas as armas, todos os explosivos, todos os canhões, mas que teme pela sua vida e pela sua liberdade; uma criada de ser-

**Desde quando dura a lenda ?
— A sua aparição na noite de
8 para 9 últimos — O tesouro
e o túmulo — A herança do
brasileiro Pinto — Um folhe-
to de cordel de 1830 — A coin-
cidência dos fantasmas e
dos Chaves — Um folhetim de
Rocha Martins e a seme-
lhança física entre o glo-
rioso escritor e um ex-de-
putado.**

vir que nos procura por conselho do primo, que é polícia, para nos contar a vida... um pouco misteriosa dos ex-patrões, de quem se quere, evidentemente, vingar por a terem despedido sem liquidação dos ordenados em atraso; um antigo toureiro, que assistiu a uma cena nocturna, numa rua deserta e junto a uma fonte pública, e que teme pela saúde dos 700.000 lisboetas, e sobretudo pela sua própria saúde, etc., etc. Pelo correio, mais denúncias, mais revelações, mais heranças sonegadas, mais sequestros, mais *caffen*, mais escândalos e, espere: esta certa não deixa de ter interesse. Diz assim: «Sr. Director. — Em cem anos é esta a décima vez que se fala no «Fantasma da Sé», ou seja a nona vez que se repetem os fenómenos registados em 1830 por João Matos Silvino no seu folheto de cordel «Aparições, almas penadas e bruxedos», nos quais o povo vê apenas um... fantasma. Essas aparições coincidem sempre... com algo. Tenho a certeza de que se o seu semanário desse o alarme e se os sacerdotes da Sé fôsem fazer o inventário do tesouro, o «fantasma», que ressurgiu há semanas, após uns quinze anos de ausência, desertava dos telhados do templo e diluía-se no éter onde costuma habitar. Experimente falar do assunto. — *Um leitor que tem a curiosidade de coleccionar folhetos de cordel.*

— Interessa-lhe o assunto? — perguntou-nos o engenheiro A. B., com um sorriso intencional.

— Decerto! Mas é tão vaga esta carta...

— Ora escute... :

«Antes de lhe falar no «Fantasma da Sé» — que é mais velho do que o seu leitor julga e cujas aparições datam de há muito mais tempo; antes mesmo de lhe recordar o que se diz no tal folheto de João Matos Silvino, proprietário de uma espelunca que existia próximo dos Paulistas, em meados do século passado, e que enriqueceu a escrever, editar e vender folhetos com mistérios e crimes, genero que cultivava, diga-se de passagem, com invulgar habilidade, tornando-se numa espécie

de Conan Doyle plebeu da época, é preciso evocar a labareda que atrai todos esses enxames de almas penadas, ou seja o *tesouro da Sé!* Você tem ouvido falar dêsse tesouro, como toda a gente, e muitos hão-de pensar que se trata de uma lenda ou pelo menos de um exagero. O que poucos visionam é o valor exacto do tesouro. Como sabe, entrego-me há anos a estes estudos, e nenhum prazer, nenhum divertimento, nenhuma alegria me são mais saborosos do que as investigações a que me tenho dedicado. Esse tesouro, que de início era já prodigioso, sobretudo pela célebre herança do brasileiro Berto Santana, deve orçar hoje — pasme! — em dez ou doze mil contos. Ouro, prata, pedrarias preciosas, eu sei lá... É natural que o guardem com avareza e que o tranquem bem trancado, numa dependência cujos muros nem com himalaite caíam. Mas, há coisa de cento e vinte anos, a Sé recebeu um novo donativo, o mais volumoso de todos. Foi um português, emigrado para a Baía, muito antes da fuga da família real, que enquanto a árvore milagrosa teve patacas e as pôde transformar em moedas de ouro, não descansou. Viveu no Brasil cinqüenta anos, mas nunca esqueceu a pátria, ou melhor a cidade, ou melhor ainda o bairro onde nascera. A mãe derru-o à luz na vizinhança da Sé e êle, em menino pensando fazer-se padre, frequentava muito aquela sacristia. Ao sentir a morte, deixou toda a sua fortuna imensa à Sé, para que a convertessem em custódias cravejadas de diamantes, em cálices de ouro, salpicados de safiras, e não sei que outros caprichos de milionário beato. Esse nababo chamava-se simplesmente António José Pinto, e o «Pinto» não era apelido mas sim alcunha, por ser franzino, narigudo e quasi liliputiano. Camilo Castelo Branco descreve-o ou «Nas Noites de Lisboa» ou em «Mosaicos». Não tinha parentes próximos ou afastados, era solteiro, mas quando abriram o testamento houve quem se antepusesse à sua execução. Pelo visto e apesar da sua aparente castidade, o «Pinto» também era «galos», e os três filhos de uma tal D. Maria da Encarnação Chaves, solteira, irmã de um alto funcionário da colónia — ou já do Império —, filha do dr. Bento Chaves que tanto se distinguuiu nas conjuras contra Junot (Alberto Ribeiro dedica-lhe todo um capítulo no seu «A Maçonaria e as invasões napoleónicas»), eram pintos... do Pinto. Senhora da boa sociedade lisboeta, educada com todo o esmero e frequentando os melhores salões da época, fôra obrigada a acompanhar o mano ao Brasil, para calar um escândalo com certo capitão de infantaria, casado e pai de filhos e iniciador das suas aventuras amorosas. Na Baía conheceu o Pinto; o Pinto, bajoujo ante a sua mocidade radiosa, aureolou-a com o halo das suas riquezas; e ela aceitara-lhe discretamente a corte... Dêsses amôres tinham nascido os três rapazes que o pai não perfilhou, embora em vida gastasse somas quantiosas com a mãe e com êles. Acentuei bem o facto dêles não serem perfilhados, porque, na continuidade dêste epi-

(Conclue na pag. 14)

OS REIS NO EXÍLIO



Guilherme II

As intimidades, as fortunas e os amores dos soberanos sem trono — A barba de Guilherme II, os mistérios de Fernando da Bulgária, os argu-nen os cinematográficos de Jorge da Grécia, as 38 mulheres do sultão da Turquia, as flores de D. Manuel de Portugal, etc. etc..

REIS exilados! Saudades da pátria! Nostalgia das sumptuosidades da corte e da adulação dos palácios! Tristeza de não mandar! E que numilhante responsabilidade ante a História, ante o passado que lhes deixou, em herança, o trono secular que eles perderam!

Evocando-os, desfila pelo nosso espírito um lento cortejo de sombras, desde Napoleão, águia captiva, estrebuchando, numa agonia silenciosa, nos rochedos de Santa Helena, até D. Maria Pia de Portugal, fantasma da própria dor, regando as flores dos tapetes no seu desterro em Itália — sem esquecer, como símbolos românticos, os «Rois en exil» de Daudet, «Les Exilés», de Kitchener e «L'Aiglon», pobre princezinho maldado, delirando, à hora da morte, com as glórias paternas, sequestrado desde o berço, e cuja tragédia Rostand immortalizou.



O «Shah» da Pérsia

Mas a tragédia do exílio vai afrouxando as suas torturas e tristezas à medida que o Destino a repete com maior frequência! Está provado que a maior alegria dum paralítico é ver os seus semelhantes caírem também na cadeira do martírio. Os reis exilados, como os paralíticos, suavizam as dores do de terro vendo dilatar-se constantemente o número dos monarcas que perdem o trono e que lhes vão fazer companhia. E esse número cresce como numa vertigem... e não — vejamos. No princípio do nosso século apenas existiam na Europa 4 repúblicas (a França, a Suíça, a Andorra e S. Marino). Em compensação reinavam 3 imperadores (os da Alemanha, Áustria-Hungria e Rússia); 1 reis (os de Portugal, Espanha, Inglaterra, Bélgica, Suécia, Noruega, Dinamarca, Itália, Sérvia, Roménia, Bulgária e Grécia; uma rainha (a de Holanda), 2 príncipes (Móaco e Montenegro), uma grã-duquesa (Luxemburgo), e um sultão

(o da Turquia). Total: 4 repúblicas e 20 monarquias, sob várias fórmulas. Na Ásia, não falando nas falsas independências, protectorados, etc., só existiam tronos: os impérios do Japão e da China, o Shah da Pérsia e os reis do Sião e de Afghanistan. Na África, dentro do mesmo critério, o único Estado independente era monárquico: do Negus da Abyssinia. Só a América, coagulada de repúblicas, não possuía uma única monarquia. Resumo mundial: 26 repúblicas e 26 monarquias. Contemplemos o actual panorama, em contraste com o da aurora do nosso século: a Europa divide-se em 18 repúblicas (as 4 existentes, 7 por mudança de regime — Portugal, Espanha, Alemanha, Áustria, Turquia, Grécia e Rússia—, e 7 correspondentes a novas nacionalidades — Tcheco-Eslováquia, Hungria, Polónia, Lituânia, Finlândia, Geórgia e Ucrânia) e apenas em 11 monarquias — contra 18 que se mantinham então. Na Ásia, na África e na América apenas se registaram duas modificações políticas: a da China, substituindo uma ferossíssima e misteriosa imperatriz, remate trágico dum dinastia secular, por um presidente da República, e a do Egipto, que goza a ilusão de ser independente sob o governo do rei Fouad. Resumo mundial: 41 repúblicas e 17 monarquias ou sejam mais 15 repúblicas e menos 9 monarquias...

Ora os antigos reis exilados já não padecem hoje a solidão de outrora: começam a ser muitos e fazem companhia uns aos outros. Daí a baixa do seu valor sentimental e político na respectiva Bolsa. O exílio, pelo dogma do egoísmo e da ingratidão humanos, foi sempre um reodor activo dos prestígios reais. Outrora mantinha-se ainda uma aureola, ou de martírio ou de esperança ou de ódio ou de fanatismo, em redor dos desterrados. Em França conspirou-se sempre em favor de Napoleão, até que um cancro no estômago o fulminou. Aos actuais reis exilados resta apenas um vago esplendor, mais por reflexo dos outros reis, dos que conservam um trono e a quem não convém, por cálculo, o desprestígio dos colegas desventurosos, do que por um rastro luminoso do passado. E mesmo esse vago esplendor dura o tempo que durar o sensacionalismo popular da sua abdicção. Por fim empalidece, extingue-se, e os reis exilados acabam por se empastelar na massa anónima, confundidos, igualados, desmascarados do seu falso poder divino — tão homens como os outros homens.

O último que veio engrossar o número dos reis desterrados foi Afonso XIII. O seu destronamento, talvez por ter surpreendido um ou por angustiar outros — sobretudo os que viam no ex-soberano um rei-gendarme para defender as monarquias sobreviventes —, veio agitar o minúsculo mundo dos reis exilados, produzindo um ondulação inquieta e inflamando, no choque da queda, um fogacho que rasgou, por alguns segundos, as trevas discretas que abafavam os seus irmãos na desdita. P graças a esse efêmero clarão vimo-los a todos, tal como vivem hoje, até à minúcia das suas intimidades actuais. Eis a razão desta reportagem.

GUILHERME II NO EXÍLIO DE DOORN

Louco ou déspota, «clown» ou sonhador de grandeza, ou patriota alucinado, Guilherme II, ex-imperador da Alemanha, foi, indiscutivelmente, um realizador de ambições imensas, imaginativo até às fronteiras do possível na gestação dos seus projectos e ce-sariano no esforço da luta. E sendo o mais ambicioso dos soberanos e o mais insatisfeito dos homens — resignou-se à modéstia exagerada e monótona do seu exílio de Doorn, na Holanda. Ele, o vaidoso das fardas teatrais, não abandona nunca o seu fato de burguês, igual ao

de qualquer lavrador; éle, o exibicionista das grandes paradas, dos golpes políticos, das apoteoses públicas, não se evade um só momento do silencioso e voluntário sequestro; éle, o sádico do mando, o orgulhoso do Poder, o domador da Terra, o Papa-Civil dos povos, o piloto do Globo, com caprichos de Nero, fulgores de Salomão, fraquezas e histerismos de «estrela» do cinema, recolhe-se a um pequeno castelo, perdido na provincia dum pequeno país, isolado, modesto, mudo, indifferente do mundo que governou e dos homens que o adoraram e o executaram! A éle, o mais fotografado dos mortais (um jornalista de beneditina paciência, H. Asteneeloon, contou 8.938 retratos seus, diferentes, desde a coroação até à fuga para Holanda), só três vezes o retrataram nestes doze anos de desterro, e dessas três fotografias, uma só foi voluntária. A primeira, violentou-o um reporter holandês, trepando para o cimo de um carro carregado com pilhas de lenha, fazendo com que o carroceiro estacionasse frente aos muros do castelo, cobrindo-se com palha e apontando o kodak para uma ala do parque onde o imperador passeava, pensativo, todas as tardes. Ao ver-se reproduzido em todos os jornais e magazines, tal como estava então, descuidado, os cabelos enodados de branco, a barba crescida até ao colarinho, Guilherme II sentiu reviver, sob o vexame, todo o seu orgulho e deixou-se sacudir por uma epilepsia de cólera. Um antigo laçao seu que botou, há dois anos, livro de confidências ou inconfidências, descreve assim a cena: «O ex-imperador, com as faces congestionadas e socando a mesa, gritou, cego de indignação: — «Eu quero este jornalista preso! Já! Que mo tragam! Que lhe apliquem o máximo da pena que for possível! Telefonem para a policia! Que sou eu que ordeno!» Alguém que estava a seu lado insinuou-lhe delicadamente que não estava na Alemanha e que a justiça holandesa não lhe obedecia só porque a éle, imperador, agradava castigar um reporter teimoso!» Esse mesmo laçao, no citado livro, que enoja pela ingratidão, pela falta de generosidade e de escrúpulos que revela, premeditando lucros e êxitos que não obteve, conta, entre muitas outras intimidades de Guilherme II, as seguintes: «O imperador saiu da Alemanha sem uma única mala, fardado e sem outra roupa além da que le-



O Conde de Paris e sua esposa

vava no corpo. E o pior é que nenhum dos seus íntimos ou serviçais as enviou depois. Eu próprio, que parti na manhã seguinte, não me lembrei de o fazer. Dêste esquecimento resultou que éle estivesse três dias sem se barbear nem mudar de roupa ou sequer de peúgas. Os que o acompanhavam tinham vindo com éle; eu, que era quem o barbeava, não trouxeira navalhas nem pincel, e o imperador recusava-se terminantemente a aceitar os serviços de qualquer barbeiro da terra. Por fim comprámos uma gilette falsificada, umas lâminas e um par de peúgas numa loja. As peúgas eram as melhores que havia, e mesmo assim... eu nunca usei tão ordinárias, e não sou imperador.



D. Manuel de Bragança

O seu guarda-roupa, no Palácio Real de Berlim, chegou a reunir cento e trinta trajos diversos, civis e militares. O imperador jamais envergara a mesma camisa duas vezes, e mudava-as varias vezes ao dia. Dizem que um dos seus secretários, o conde H... de L..., aproveitou este esbanjamento, negociando com as camisas reais... Em compensação, em Doorn, limita-se a três trajos. O mais novo tem três anos de uso. A primeira e única casaca que mandou fazer, foi nas vésperas do casamento. A sua roupa branca, que em Berlim inundava vários compartimentos, cabe toda agora em um só armario.»

Este inconfidente deve falar verdade; contudo Guilherme II não necessita de economizar. Os seus domínios, que conserva, na Alemanha, apesar da República, avaliam-se em 25 milhões de libras. Além disso, a República pagou-lhe a quantiosa soma de 750 milhões de libras, a título de indemnização dos bens confiscados. Quando abdicou, a sua fortuna pessoal era de 2.000.000 de libras colocadas em vários Bancos; e se os íntimos se esqueceram de lhe mandar a bagagem e as peúgas, éle é que não se olvidou de exigir todas as suas pratas e recheios de castelos e palácios, o que encheu, a transbordar, 52 vagons!

A sua existência actual não pode ser mais simples, e mesmo conventual. As suas únicas distrações são o xadrez em familia e rachar lenha. Lê mais romances do que jornais e prefere, nos últimos tempos, a literatura rocambolesca. Estuda! Está em dia com todas as obras sociais. Passeia. Vive com cinco amigos íntimos e respectivas esposas, entre os quais o sobrinho de Bulow, o mais

fiel dos seus cortesãos. A criadagem compõe-se de oito homens e quatro mulheres. A esposa tem duas damas de companhia e três criados só para o seu serviço. Agora um detalhe sintomático: quando estava no esplendor do seu império eram-lhe dirigidas, em média, 5 a 6.000 cartas diárias, e éle apenas a 100 ou a 200 dava resposta, e, mesmo entre essas, só a uma pequena minoria respondia directamente, ditando ou escrevendo. No exílio recebe apenas 30 a 50 cartas, e em compensação expede 70 a 100... É éle quem sente a ansiedade de comunicar com o mundo, agora que o mundo já não se interessa por éle...

O «TZAR» FERNANDO DA BULGÁRIA

O tzar Fernando da Bulgária perdeu-se como o pavão da fábula: sonhava em tornar-se o emulo de Guilherme II — éle, pobre Fernando, cuja inteligência nunca foi confirmada pelas obras e que governava um país... como a Bulgária! Macaqueando sempre o imperador alemão, quis tomar a mesma atitude na guerra e perdeu o trono abdicando no filho, o actual Rei Boris, em cujas veias gira sangue português e que é mil vezes mais sensato do que o pai. No princípio do exílio instalou-se num hotel de Montreux, na Suíça. Desesperou-o o facto da sua presença não provocar, nem aos gerentes nem aos hospedes, nem mesmo aos criados, pasmos de admiração. Ao cabo de dois anos, um pequeno incidente obrigou-o a abandonar o hotel e o país. Um americano que estava no mesmo hotel pedira ao director para o apresentar, e este apresentou-o, sem prévio aviso, o que já constituía uma grave ofensa. Mas quando o yankee, falando-lhe sem o menor respeito pelo protocolo, oferecendo-lhe um charuto e acendendo o seu no charuto real, lhe propôs um ordenado de alguns milhares de dólares para interpretar alguns filmes em Hollywood, o ex-tzar perdeu a cabeça e desertou! Durante um ano ocultou-se por tal forma que ninguém, nem os seus íntimos, conhecia o seu refúgio. Por isso, correram várias versões: que éle chefiava uma conjura para reconquistar o trono; que se suicidara; que fugira com uma vedette de music-hall... Afinal, era bem mais simples o segredo. O ex-soberano, já que não o respeitavam como tal, quis saborear a vida de todos os mortais que não são nem foram nunca reis. De Montreux foi a uma aldeia na fronteira francesa; rapou as barbas, que eram o seu ex-libris fisionómico; arranjou um passaporte com nome falso e partiu, em 2.ª classe, para Londres. Uma vez em Londres alugou uma vila perto de Hyde-Park, em Kensington, e começou a gozar todos os prazeres da grande capital sob a personalidade de um velho comerciante reformado e endinheirado. Já o davam por morto quando éle reapareceu na Suíça. É este o único episódio interessante do seu exílio...



O rei Amanullah

Embora éle pedinche constantes subvenções, os seus rendimentos elevam-se a 800.000 francos. Gasta-os totalmente, faz dívidas, tendo sido alvo de vários escândalos, armados pelos credores. Só ao Banco Internacional Suíço deve éle perto de 200.000 francos... sujos! Ultimamente, lamuriando misérias e animado pelo exemplo de Guilherme II, requereu ao Parlamento búlgaro uma pensão de 500.000 francos. Os socialistas e comunistas opuseram-se terminantemente. Vive num luxo espantoso e as suas viagens anuais ao Cairo e a Luxor são famosas. Dois amores lhe suavizam as amarguras do exílio: o da bela Clara Murden, vedette alemã de opereta, e o da sua preciosa colecção de borboletas, que reúne os exemplares mais raros. Ambos lhe custam uma fortuna, mais o primeiro do que o segundo.

D. MANUEL DE BRAGANÇA

D. Manuel de Bragança é, de todos os reis exilados, o mais discreto, sóbrio e sensato. E esta afirmação, baseada em testemunhos imparciais, vale apenas pelo facto de vir de um jornalista republicano. Verdade seja que essa discreção e sobriedade são conseqüências da atrofia moral e espiritual que o inesperado e pesadíssimo cargo de reinar lhe provocara no pouco tempo que reinou. Embora não o exteriorizasse — nem o confessasse a si próprio —, que sensação de alívio o evadir-se de uma escravatura para entrar na liberdade absoluta da sua vontade, do seu temperamento, do seu próprio destino. É possível que sofresse, pela tradição, pelo sentimento do passado e da dinastia, a perda do trono, sem que ficasse outro Bragança. É certo que sofreu e sofre muito a nostalgia da pátria... Mas à parte estas duas amarguras, éle é feliz; e essa felicidade colabora

(Continua na pag. 12)

COMO Al Capone ORGANIZOU OS SEUS «NEGÓCIOS»

Os segrêdos da vida do «Rei do Crime», revelados pelo bailarino português Bette Henriques, amigo pessoal de Al Capone

RESUMO DAS ANTERIORES REPORTAGENS

Bette Henriques, um bailarino português de Lisboa conheceu no início da sua brilhante carreira, emigra para a América, onde se torna o artista da moda. É contratado para o «Colosimo's», o mais famoso «cabaret» de Chicago, que Bette apenas conhece por ser o mais cubicado por todos os artistas, e obtém um êxito enorme. Na noite da estreia o gerente apresenta-o ao «patrão», que é nada menos que Al Capone. Al Capone simpatiza com o nosso compatriota mas nem ao de leve lhe insinua qualquer proposta para os seus «negócios». Através das confidências do gerente e pela sua permanência no «cabaret», Bette vai descobrindo os segrêdos da casa. Sabe, por exemplo, que todas as noites dezenas de polícias entram secretamente pelas traseiras para se enfrascarem em álcool... gratuito; que foi ali, naquele «cabaret», que nasceu o banditismo sangrento de Chicago; que Al Capone começou o seu poderio apossando-se habilmente da presidência perpétua da Sociedade Secreta dos Trabalhadores Italianos — espécie de «Mafia» terrível — a que a polícia atribue 50 por cento dos crimes da cidade... O gerente vai explicar agora a Bette Henriques como nasceu o «banditismo de Chicago»...

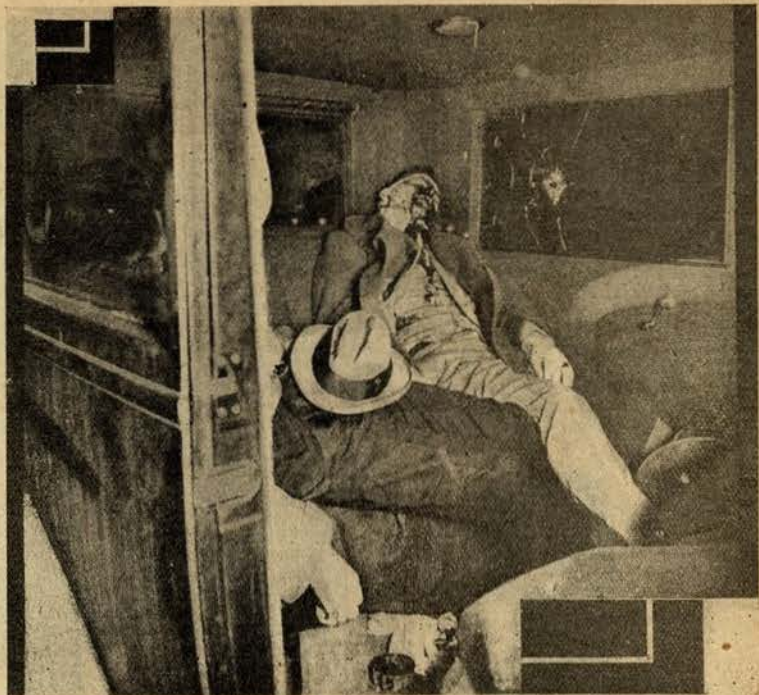
A COMPRA DO «COLOSIMO'S»

— «Leoni, o antigo proprietário desta casa, estava rico — prosseguiu o gerente, nas suas confidências ao nosso compatriota. — Ele não compreendia muito bem os projectos de Al Capone, nem as informações que obtivera a seu respeito eram tranquilizadoras. Mas o que lhe interessava era saber se ele pagaria ou não o contrato; e logo que Al Capone lhe entregou a elevada soma combinada, Leoni não hesitou: entregou-lhe o cabaret... e partiu em viagem para a Europa. «Na pior das hipóteses — segredou ele aos amigos —, ninguém poderá incomodar-me nem suspeitar de mim... porque estou longe!»

«Até a essa época, o tráfico clandestino do álcool era realizado por pequenos grupos disper-

sos, por contrabandistas de velha técnica ou por fabricantes que envenenavam os clientes com cervejas e whiskys que fabricavam fôsse com o que fôsse, em subterrâneos ignorados. Al Capone não. Começou por alargar as suas fileiras, por enquadrar à sua volta um verdadeiro exército. Era seu lugar-tenente um tal Jim Poleri. Poleri tinha, por sua vez, dois marechais: John Dower e William Stubbs. O primeiro tinha apenas a missão de recrutar, de escolher, de seleccionar o pessoal. Feito o recrutamento, confiava-o ao comando de William, e retirava-se, como se terminasse ali a sua missão... Mas não terminava. Al Capone, embora fingisse que só se entendia com estes marechais através de Poleri, mantinha relações secretas com William visto que William era, além de recrutador... espia de todos os seus homens. Para esse fim William dispunha de uma brigada de cem esbirros, encarregados de vigiar e de se misturarem com os outros, a fim de os surpreenderem em qualquer tentativa de traição, a tempo de Al Capone a evitar. Por sua vez John Dower, o «segundo marechal», comandava dois bandos de «pistoleros»; e cada bando compunha-se de cinco brigadas; cada brigada de cinco grupos; cada grupo de vinte homens. Bandos, brigadas e grupos tinham os seus chefes e «cabos»... Este exército de malfetores totalizava, já, nessa altura, perto de mil indivíduos... e que indivíduos! Não os havia mais destemidos em toda a América. Basta dizer-lhe que os seus soldos foram fixados entre 50 a 200 dólares por semana, mínimo, fóra gratificações quantiosas e constantes. Al Capone não hesitou em mandar William expressamente a New-York para contratar o célebre «Beg-Red» — o campeão do crime de Broadway — e oferecer-lhe 1.500 dólares, de entrada, para vir chefiar uma das suas brigadas em Chicago. Este «Beg-Red»... foi um ingrato, como já lhe vou contar...

«Todo este pessoal não estava exclusivamente dedicado... às batalhas, aos castigos, à defesa do chefe. Trabalhava, também, nas descargas, na guarda dos armazéns, na distribuição do álcool, nas proezas de chantage, nos avisos aos banqueiros, na vigilância de certos magnatas, na organização de certas casas, etc.. O primeiro negócio de Al Capone era o tráfico do álcool. Embora possuísse algumas destilarias secretas, a maior quantidade de cerveja, whisky, vinhos, etc. era e é



Poleri lugar-tenente de Al Capone, e um dos seus cúmplices, no dia seguinte à traição

importada; vem do México, de Cuba, ou, directamente, da Europa. Nessa época apenas três barcos estavam fretados pelo patrão com este objectivo. Hoje andam mais de doze, em vai-vem no oceano. Além disso, o plano de Al Capone era tornar-se o *truster*, o monopolizador de toda a indústria do prazer de Chicago. Um rei do vício, como existem os reis do ouro, do carvão e do petróleo! Fundou dezenas de casas de jôgo, dezenas de... salões frequentados pelas mais belas jóvens da América, onde se dança, se bebe e se ama... alegremente; e um sem fim de *fumeries* de ópio e de vendas ambulantes de alcaloides... «Colosimo's» foi o primeiro *cabaret* que o *trust* adquiriu e adquiriu-o por ser o mais formoso, o mais aristocrático e *chic* da cidade. Fêz dele, ao mesmo tempo, o «centro» dos seus negócios.

«Al Capone, ao contrário do que muita gente pensa, é um negociante honesto (??), pontualíssimo nos seus pagamentos e metódico nas suas organizações. Como o género especial dos seus negócios o obriga a frequentes e inesperadas deslocções, ele anda sempre acompanhado, não só pela sua «guarda de honra» — encarregada de lhe defender a vida — como também pelos seus funcionários burocráticos: dois guarda-livros, dez a doze escreventes, arquivistas, dactilógrafos, etc... Já uma vez entrei na sua sala de trabalho, num palacete que ele possuía, então, na *City*: estavam abançados à sua volta mais de trinta empregados, escrevendo em grandes livros ou dactilografando cartas, e todos eles tinham pousado nas secretárias, ao alcance da mão direita... uma ou duas pistolas ou mesmo carabinas das mais modernas. Quem vive com Al Capone tem que viver assim.

«O que sobretudo escandalizou a alta burguesia e certa fauna política da América foi a cifra dos primeiros lucros obtidos por Al Capone. A sua riqueza, mais do que os seus crimes, foi o que provocou o ódio e todas as campanhas contra o patrão. Os sindicatos de banqueiros, os *trusts* dos industriais, os centros dos partidos e o próprio parlamento exigiram que se perseguisse, que se electrocutasse Al Capone! Esta primeira ofensiva coincidiu com a inauguração da nova gerência desta casa. Estava Al Capone sentado naquela mesa quando começaram a chover os telegramas e os avisos secretos sobre a batalha que se esboçava. E ele, sereno, calmo, sorridente, começou a agir...

Esteve três noites sem se deitar... Dividiu o inimigo em três grupos: a um dos grupos venceu-o pelo suborno. Gastou milhares e milhares de dólares a comprar consciências, a abafar discursos, a paralisar *démarches*; o segundo abandonou a sua atitude bélica apenas com a ameaça: ou se calavam e o deixavam em paz, ou as armas dos seus «pistoleros» os emudeceriam para sempre; e quanto ao terceiro, que viesse para a luta...

«Com todos juntos, ficaria eu vencido — declarou Al Capone, ao terceiro dia de trabalho —, mas assim, divididos, esmagamo-os como se fôsem pulgas...»

«Entretanto era vertido o primeiro sangue desta longa tragédia de Chicago, que dura já há tantos anos... William, o chefe da espionagem directa e secreta de Al Capone, pediu uma audiência particular ao patrão. O patrão está sempre a mudar

de sistemas... Nessa época usava de um engenho *truc* para comunicar com William sem que ninguém, nem os seus mais íntimos, o soubesse. Sei-o eu hoje, porque já desde então esse *truc* foi substituído por muitos outros, tão ignorados agora como então o era esse a que me refiro. William sabia que Al Capone ou estava ou telefonava, todas as madrugadas, entre a 1 e as 2 horas, para o «Colosimo's». O sinal de que precisava falar-lhe era a presença de uma, duas ou três damas de *tot-lette* azul numa determinada mesa, a primeira à direita de quem entra pelo vestibulo. Essa mesa estava sempre marcada para amigos ou amigas particulares de Al Capone e o *maitre* só a deixava ocupar a quem trouxesse um bilhete do patrão. William recrutava uma, duas, três ou quatro cortesãs, vestia-as de azul e mandava-as para o «Colosimo's», sem que elas adivinhassem sequer qual era a sua missão, e muito menos os outros e os próprios «traidores» que as viam entrar como entravam tantas mundanas, todas as noites. Se Al Capone vinha ao *cabaret*, ficava prevenido; se telefonava, uma entre outras perguntas que fazia ao gerente dessa época era «se já tinham chegado umas amiguinhas a quem ele mandara para a sua mesa, umas jóvens vestidas de azul...» Se o *maitre* respondia afirmativamente, ele indagava se tinha ido uma só ou... se estavam todas. O *maitre* informava então do número exacto: uma, duas, três ou quatro... E' que esses números correspondiam a locais diferentes. Se estava uma só, a entrevista devia dar-se no Square Washington; se estavam quatro, seria à entrada da III Avenida, etc.. Estes locais eram escolhidos por William conforme as prudências a que a sua espionagem o obrigava e



William busca sempre sítios discretos para se entrevistar com o «patrão»

na certeza de que não seriam vistos. Naquela noite Al Capone telefonou; estavam apenas duas jóvens de azul, e este facto sobressaltou-o. Poleri, o seu lugar-tenente, estava a seu lado e sem a menor desconfiança ouvira-o perguntar pelas «amiguinhas»; e ao vê-lo preparar-se para sair, indagou se queria que o acompanhasse. — «Não! Prefiro ir só!» — respondeu o chefe, sorrindo. — «Temos aventura com as jóvens de azul...» — profetizou Poleri, com ironia. Al Capone piscou-lhe o olho e saiu. Desceu até ao vestibulo; tornou a subir, sem ruído, até ao andar onde estava o lugar-tenente; espreitou-o por um ralo secreto; e ao convencer-se que o seu imediato não lhe desobedecia, partiu de «auto» para o lugar da entrevista. William, que passeava com o ar mais inocente desta vida, mal o patrão afrouxou a marcha, pulou para dentro do «auto», que imediatamente acelerou em vertigem pela avenida fóra.

— Temos novidade? — perguntou Al Capone, que a custo continha o alarme em que estava.

— Sim — e muito grave! Poleri é um traidor! Protegido por alguns dos nossos adversários (William citou nomes de banqueiros, de industriais e até de deputados e comissários de polícia), organizou secretamente um exército seu e dentro de oito dias vai declarar-lhe guerra; e como está de posse de todos ou quasi todos os seus segredos, pensa esmagá-lo pela concorrência no *negócio* e pela *violência* dos seus «pistoleros»!

R. X.

NO PRÓXIMO NÚMERO: «As primeiras batalhas sangrentas de Al Capone».

Mr. Hamilton Robert

(Continuação da pag. 6)

ou aereo! «Hotéis-Palaces», e que me importa que durante um ano não haja um único hospede para eles? E além dos hotéis, centros de diversões. Estou bem informado, creia! Trago quinze *dossiers* comigo, só com informações! Estradas, arredores sim, interessam, mas antes de mais nada, Lisboa!

Se fóra de Lisboa existem belezas: Buçaco, o Minho, Coimbra — que se traga Coimbra, o Minho, o Buçaco para Lisboa! Não perder tempo, nem fazê-lo perder! Sei que a nova topografia da cidade vai traçar uma recta — uma avenida — que desemboca onde é hoje um grande mercado, próximo do Rossio (Mr. Robert refere-se à Praça da Figueira). Optimo! Outro largo? Outro Rossio? Não! Um parque de distrações! Outro detalhe, entre cem que eu podia apresentar: As «corridas» estão em decadência. Eu visitei duas vezes a Praça do Campo Pequeno. Que vandalismo aquele espaço (eu venho sófrego de terrenos dentro de Lisboa, porque, quando chegar o momento, Lisboa não chega — não chega, juro-lhe — para receber a gente que vai passar por cá)! Este vandalismo

sobrepõe-se a uma outra lacuna: toda a gente civilizada ama a água — o banho. Criem-se dezenas de distrações em harmonia com esse amor à água. Que bela piscina se fazia do Campo Pequeno, com um grande hotel à volta (onde estão hoje os camarotes), casino, cinêma, etc.. Bem sei o que me vai dizer! Que a melhor piscina de Lisboa... é o Tejo! *Portuguezice!* Para se banhar, mesmo que eu faça de Algés o que penso fazer, é preciso ir a Algés! E quem não quiser ir lá? E quem quiser avançar em direcção ao norte? E que n preferir o Tejo artificial ao natural (e hoje, em todo o mundo, nas melhores praias da Califórnia e mesmo do Mediterrâneo, as piscinas fazem uma concorrência fatal às verdadeiras praias)? Mas eu venho disposto a comprar o Campo Pequeno, a comprar a Praça da Figueira, a comprar Algés — e sem perder de vista o Estoril, Cascais, Sintra, que destino a outro público, talvez ao mesmo quando se aborrecer do que lhe ofereço em Lisboa! Que não hesitem! Sou estrangeiro, mas pago à vista e dividido os lucros, os lucros dum negócio que vocês não serão jamais capazes de fazer sozinhos! Franqueza americana! Se Lisboa desprezar o lote com que eu a brindo — o lote não são só os capitais, são as iniciativas, o conhecimento da vida de hoje e a certeza da de amanhã —, é... *es úptica*. (Pedimos desculpa para o nosso dever jornalístico de reproduzir taquígraficamente o que ouvimos, embora nos incluamos também no recinto desse adjectivo pouco lisonjeiro...) E se Lisboa não quiser, parto para Vigo e Vigo só tem a ganhar, porque vale muito menos do que Lisboa.

«Venho para fazer coisas, como as fiz sempre, desde os quinze anos! Começo amanhã mesmo. Durmo esta noite aqui, e amanhã não sei onde vou dormir... Onde o automóvel me levar!»

Calou-se; ergueu-se; esfregou as mãos e perguntou-nos: — «Quando é que esta entrevista sai?» — «No próximo número!» — informámos. — «E quanto devo?» Empalidecemos como se nos dirigissem uma ofensa. — «Perdão! O nosso jornal só tem uma receita: a que lhe proporciona o público que o lê!» Mr. Robert fitou-nos, carregou o sobrolho e, de mau humor, despediu-nos com o seguinte remate: — «Estes portugueses! Temo por si... os outros... Se o senhor fôsse *reporter* de qualquer dos meus jornais...»

— Despedia-o!

E voltou-nos as costas com desprezo. — R. F.



Mr. Hamilton Robert (à esquerda) acompanhado do seu secretário

OS REIS NO EXÍLIO

(Continuação da pag. 9)

bastante na nobreza da sua atitude de exilado. Podia, é certo, no alvoroço da libertação, e devido, sobretudo, à sua juventude, agitar-se num campo diferente, ser correcto em política, mas sorver, gulosamente, a vida que lhe estava vedada, imitando o que Eduardo VII fez quando Príncipe de Gales, o príncipe Danilo, ao inspirar a «Viúva Alegre», o *shah* da Pérsia e tantos outros. Não! Intellectual e artista, ou pelo menos com uma sensibilidade ávida e bem preparada para os estudos e para a arte, procedeu como qualquer filho de família ajuizado. Começou pelo casamento — por organizar o lar... O seu palacete de Richmond é o mais particular possível. E é ali, entre sombras suaves de bosques e jardins, num silêncio aristocrático e propício, à beira dêsse fio de prata, luxo único do Tamisa, que é o «Serpentine», em salões acalentadores, que o ex-rei de Portugal consulta os livros da sua preciosa biblioteca,



D. Jaime de Bourbon

investiga, estuda, prepara obras históricas e acarinha, voluptuosamente, o seu próprio espirito tocando clássicos, só para ele...

A família real inglesa e os maiores de Inglaterra convidam-no com assiduidade. Ele esquivava-se o mais que pode, sempre que pode. Prefere a sua liberdade, os seus passeios solitários, os seus amigos sem exigências de protocolo, as suas *premières* teatraes, sem exhibicionismo. Sai quasi todas as tardes. Frequenta livreiros, negociantes de livros raros, encosta-se ao balcão, conversa, forma *tertulia*. Uma tarde, num livreiro célebre duma das ruas discretas que irradiam de Pall-Mall, um modesto publicista assistiu à controvérsia amena entre vários frequentadores da casa e um jovem que revelava uma invulgar cultura. Interessado, meteu-se na conversa sem convite, defendendo as mesmas ideias do jovem desconhecido. A certa curva da palestra evocara-se os reis, a ignorância dos príncipes, a sua péssima educação. — «Não há regra sem excepção...» — protestou o jovem. E o publicista, liberalão, aquecendo, teimou na sua. — «Nem todos são os párias que

você afirma! — tornou o jovem. — Conhece o ex-rei de Portugal, que vive em Londres?» — «Não conheço, mas sei que passa a vida em orgias, indiferente a todas as manifestações da inteligência humana.» O jovem não insistiu, e a qualquer pretexto convidou-o a tomar chá com ele. O publicista aceitou, sem notar os sorrisos e caretas de pasmo dos que o cercavam. Saíram juntos, tomaram um «taxi», entraram na residência do jovem, e este, depois de lhe mostrar a sua biblioteca, perguntou-lhe: «Sabe quem colecciona, selecciona e estuda nesta livralhada? Não? O ex-rei de Portugal, de quem o senhor tão mal pensa!» Era o próprio D. Manuel. Este episódio foi-nos revelado pelo próprio livreiro — Mr. George Lepin.

Outro episódio do exílio de D. Manuel desenrolou-se em Paris e data de Janeiro de 1911, logo a seguir à implantação da República. Um guarda, demasiado zeloso, do Bois de Bologne, começou a notar a visita regular, todas as manhãs, de um jovem muito jovem, que ostentava na lapela as insignias da Legião de Honra, só oferecida a individualidades maduras e célebres. Um dia, picado por uma suspeita grave, o guarda abordou o passageante e indagou-lhe a idade! Vinte e poucos anos. — «Nesse caso, acompanhe-me ao Commissariado!» — «E de que crime me acusa?» — quis saber o prêso, entre pasmado e sorridente. — «Acuso-o de andar a enxovalhar essa insignia sagrada, usando-a sem a possuir.» O jovem, sorrindo sempre, deixou-se prender e conduzir ao commissário, a quem só declarou a sua personalidade: a de D. Manuel de Bragança.

Não sendo dos mais abastados, tão pouco é dos mais pobres. Não falando dos tesouros que possui pela herança de séculos de realeza — jóias, pratos, quadros —, a sua fortuna pessoal é de meio milhão de libras. No momento da fuga apenas pôde levar consigo o... indispensável, que occupava, mesmo assim, 58 baús (52... *vagons* recebeu no exílio Guilherme II). Mas o Governo da República, em 1926, concedeu que se expedissem para a sua residência em Twickenham 417 caixotes contendo o recheio dos palácios, vinhos das caves reais, e uma admirável colecção de armas, começadas a coleccionar... desde a fundação da nacionalidade!

Um minúsculo episódio para rematar: Em 1924 D. Manuel esteve na Côte d'Azur, e a imprensa parisiense acolheu o *potin* referente às suas repetidas visitas a Marselha. Mais tarde falou-se em que o ex-soberano mal desembarcava em Marselha se dirigia a um cemitério da cidade, demorando-se uma hora ou duas, e regressando imediatamente a Nice ou a Cannes. Simultaneamente a «Comédie» publicou um artigo sobre o túmulo de uma artista, tão cubiçada e bajulada em vida, agora completamente esquecida num cemitério de Marselha. Possuímos, na nossa colecção de recortes, esse artigo. Terminava assim: «Pobre princesa de mil encantos que rainha fôste de Paris e da Europa. Hoje só um homem não te esquece e subvenciona generosamente os coiveiros para que sobre o teu cadáver nasça sempre um jardim de flores. Pobre Gaby Desly! Como deves abençoar aquele que foi para ti uns dias de vaidade, e para ele uma saudade que ainda vive e se manifesta!»

O REI DA GRÉCIA E O SULTÃO DA TURQUIA

Um dia, o director de uma das mais famosas fábricas de filmes recebeu a visita do encarregado da secção de argumentos. Ao contrário do que se pensa, raras vezes são aceites os argumentos de colaboradores espontâneos, quer venham pelo correio quer sejam entregues por mão própria. Os editores escolhem os seus argumentistas entre os proussinaes conhecidos e com reputação feita. Um

dos motivos que descastelam os sonhos dos esportâneos é o da «quantidade!» A super-abundância de assuntos e de autores anónimos é tal que, mesmo na hipótese de haver entre eles boas obras e boas imaginações, o trabalho necessário para as encontrar, ou seja a necessidade de ler todas para encontrar uma boa entre mil más ou péssimas (é esta a média das estatísticas), desencoraja os fabricantes de filmes, que preferem caminhar em recta, aceitando apenas os argumentos dos escritores já experimentados. O encarregado dessa secção informou o director do seguinte: — «Recebi hoje um «cenário» que o senhor deve comprar imediatamente.» — «Quem o trouxe? Fulano? Beltrano?» (nomes de profissionais). — «Não senhor. Veio pelo correio — e o autor é o primeiro que escreve!» — Nesse caso só me admira que V. me venha falar dele. Já o leu, ao menos?» — «Não senhor!» — «Então como sabe que...» — «Basta o nome do seu autor.» — «E quem é ele?» — «O ex-rei Jorge da Grécia!»

Escusado será dizer que o fabricante de filmes nem hesitou. Telegrafou ao ex-rei Jorge a saber



Afonso XIII

quanto pedia ele pelos seus direitos. Resposta: A nenhuma recompensa aspirava, desejando apenas ver a sua obra filmada. Filmou-se a obra; bombaram todo o reclamo nos cartazes — «Argumento original do ex-rei da Grécia» — e, ao contrário do que se podia prever, o assunto era esplêndido, eletrizado de interesse, cheio de originalidade e de beleza, agradando, não por ser escrito pelo ex-soberano mas apenas pelo seu próprio valor, que fazia esquecer a proveniência real. Durante 16 meses o ex-rei Jorge enviou regularmente novos argumentos para a mesma casa editora — e se havia algo a diferenciá-los era a crescente perfeição da sua técnica, agradando e produzindo bastos lucros ao fabricante. Súbito — o exilado sustentou a sua produção literária. Enviaram telegramas; comissionaram um agente para se avistar com o monarca e suplicar-lhe novos argumentos, porque o público apaixonara-se por eles, exigia-os, os empresários ameaçavam romper contratos futuros caso não se filmassem novas obras do rei Jorge. Silencioso ao principio, o real argumentista guilhotinou, rapidamente, todas as esperanças, declarando que se aborrecera daquele capricho, que a política o obcecava de novo e que escusavam de maçã-lo porque não cederia a nenhum rogo. Desesperava-se o editor, quando uma tarde recebe o seguinte bilhete: «Mário-Cordeli, escritor, deseja falar com V. sobre os argumen-

tos do ex-rei Jorge da Grécia—e para seu interesse.» Foi logo recebido — declarando: «Conheci, por um acaso, num hotel suíço, um monarca; estudei-lhe a psicologia, medi-lhe a vaidade, surpreendi-lhe a seguinte confissão: Que lhe agradaria muito ter o seu nome ligado a um filme, como autor; que só tentara escrever um argumento mas que lhe faltava imaginação para isso. Ofereci-me para fazê-los eu e assiná-los — jurando toda a discrição. Todos os argumentos que V. recebeu, que ele assinou e que tanto êxito obtiveram — eram dêste seu criado. E a prova está no seguinte: Apesar de todas as suas súplicas para me demorar — abandonei a Suíça em Maio último. O meu passaporte não me deixa mentir. Desde então — nunca mais produzi qualquer argumento. Venho oferecer-me para os continuar — caso esteja disposto a pagá-los bem!» Escusado será dizer que pagaram o que ele exigia; mas poucos meses depois — descobri-se a verdade... verdadeira. Os primeiros argumentos eram, de facto, do rei Jorge — que nunca vira, magro ou anafado, Mário Cordeli. Este era um espontâneo que apesar do seu talento nunca conseguira ser admitido como «argumentista» na fábrica de filmes — porque... não era conhecido. Soube, por acaso, da resolução do soberano de suspender as suas obras literárias — e aproveitou esta abstinência para inventar um *truc* e vencer monetária e literariamente. Entretanto o rei Jorge é avisado do que se passava e, para provar que Cordeli mentia, recomeçou a sua actividade, produzindo argumentos tão valiosos como os outros. Pouco se importou com isso Mário Cordeli: estava lançado,

o seu nome tornara-se famoso e ganhava o dinheiro que queria...

O rei Jorge podia trabalhar de graça — porque pertence ao grupo dos exilados ricos. Ao perder o trono em 1929, levou consigo 25.000 libras. O governo grego propôs-lhe uma pensão anual, bastante elevada, sob a condição de abdicar publicamente — mas ele negou-se a fazê-lo. Passa o seu tempo viajando entre Londres, Paris, Costa Azul e Itália. Viaja acompanhado apenas dum secretário e dum criado e prefere hotéis... económicos.

Quanto a outro exilado, o último sultão da Turquia, Abdul-Medjid, é um mistério para todos a forma como consegue viver... Ao abandonar o seu antigo império, acompanhado do seu harem, levava apenas 500 libras — e, ao contrário de outros soberanos mais previdentes, não possuía dinheiro em Bancos. O *marajah* de Taterabad, ao ter notícias da sua má situação financeira, fixou-lhe uma pensão de 300 libras anuais — insuficientíssima para cobrir o orçamento de Abdul-Medjid. O ex-sultão mantém, no exílio, um esplendor luxuoso. Além do seu palácio de Nice — possui duas vilas na Suíça e outra no norte da Itália. O seu séquito compõe-se de cento e oito pessoas — entre secretários, altos funcionários e criados. Além disso o seu harem — embora reduzido — sequestra trinta e oito belas odaliscas. Como sustenta êle todas essas esposas — quando uma já custa a manter nestes tempos de crise? Enigma!

A propósito do serrallo de Abdul-Medjid, contava, há tempos, o *Daily Herald* o seguinte episódio: O sultão não conhecia Inglaterra e apeteceu-lhe passar uma temporada em Londres — incógnito. Ao desembarcar, seguido de 38... espôsas e respectivos eunucos e matronas, invade o *hall* do «Ritz». O gerente, julgando tratar-se de uma *troupe* de *girls* teatrais — o que nunca consentiria em abrigar num hotel tão aristocrático como aquele — pergunta quem são aquelas damas. — «São minhas mulheres!» Calcule-se o pasmo do hoteleiro, julgando que o hóspede enlouquecera.



Rei da Bulgária

A CEIA DO NATAL

Afonso XIII é, de todos os reis exilados, um dos mais ricos. Embora oculte parte dos seus bens — a sua fortuna pessoal eleva-se a 250 milhões de francos, segundo afirma o *Sunday Express*. Isto sem falar na fortuna da rainha, que orça por metade da do real espôso. A maioria dos seus capitais, não incluídos naquela cifra, estão financiando importantíssimas e prósperas empresas europeias e americanas. Desde que se exilou, o ex-soberano, aumentando o número dos seus secretários, multiplicou os seus negócios, dedicando todo o seu tempo livre, não à política mas sim ao jogo da sua fortuna, jogo hábil, prudente, de que sai sempre vencedor. Afirma-se que a sua próxima viagem às Américas latinas é motivada apenas... por novos negócios.

... Mas nem todos os reis exilados são milionários. Um dos casos de pobreza mais lamentável é o da ex-imperatriz da China, ou seja da filha mais velha da que reinava em 1910. Conta hoje 23 anos e nunca recebeu um centimo da pensão de 60.000 libras prometida pela República. Vive mais do que modestamente numa parte de casa, em Tien-Sin

A's vezes convidam-na a solenes recepções diplomáticas, e nessas ocasiões enfeita-se com... joias falsas — visto que as verdadeiras foram vendidas. Na Europa, o simbolo máximo da pobreza é o da ex-imperatriz Zita, da Austria, com uma ranchada de filhos a bem educar, lutando pelo trono do príncipe (ela nunca perdeu a esperança de restaurar a monarquia). Orgulhosa em extremo, recusou todos os auxílios dos outros reis e subvensões da República. Afonso XIII (dizem que se amaram em solteiros) quis um dia oferecer-lhe um castelo e uma pensão. Ofendeu-se. Um dos seus mais dedicados amigos — o conde húngaro Humerwitsch — declarou em 1926: «O que essa mulher tem sofrido! Durante a sua estadia em Tolvary teve dias em que inventava convites fantásticos para que os criados (criados que a acompanham de graça... e pagando os seus gastos) não soubessem que não tinha que comer. No regresso desses falsos banquetes — fechava-se com os filhos e dava-lhes pão e queijo. E nunca consentiu que se esquecessem de que ela era imperatriz e que o filho era imperador!»

Havia ainda outros reis para desfilarem pelo *écran* do exílio — mas o espaço escasseia. Um e sódio apenas: Em Dezembro de 1925 ou 1926, o dono dum modesto hotel suíço recebeu ordem para reservar um salão que estivesse livre de olhares indiscretos e de preparar uma ceia luculiana para cinco convidados. A data marcada era a da véspera do Natal. Os hóspedes chegaram em «autos», cada um por sua vez, vindos de pontos opostos — mas muito embaraçados todos e procurando ocultar os rostos ao hospedeiro. Fez-lhe espécie êste mistério, e solicitou o auxilio de um hóspede seu amigo — o jornalista francês Robert Lazare. Qual não foi a surpresa do *reporter* ao reconhecer... o *tzar* Fernando da Bulgária, o rei Jorge da Grécia, o príncipe Danilo, de Montenegro, D. Jaime de Bourbon e o ex-*Kromprinz!* Pela primeira vez na História, cinco reis e príncipes se reuniram numa ceia alegre do Natal — como burgueses em férias

R. X.

Novela Policial

O MAIOR ÊXITO DA LITERATURA EMOCIONANTE

PELA PRIMEIRA VEZ O NOSSO PÚBLICO POSSUE UMA LEITURA POLICIAL PORTUGUESA, DESENVOLVIDA EM PORTUGAL, COM PERSONAGENS PORTUGUESAS, EM REDOR DE ASSUNTOS PORTUGUESES

Leiam a

NOVELA POLICIAL

A B C-ZINHO

É o jornal mais querido das crianças

Sai às segundas-feiras

Vende-se em todas as boas tabacarias

AZEITE
SANTA CRUZ
 O melhor para mesa
 RUA DO ALMADA, 179-1.º
 TELEPHONE 4697 — PORTO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Metals Ferramentas
 Rua do Loureiro, 86-92
 TELEPHONE, 434 — PORTO

CASA DOS METAIS

GOMES DA SILVA, L. DA
 ESPECIALISTAS

Balanças Artigos para a Industria

O "Fantasma da Sé"

(Continuação da pag. 7)

sódio (que dura há mais de cem anos) todos os descendentes do Pinto herdaram apenas o apelido Chaves.

«Os três rapazes tentaram escamotear toda, ou parte, da herança destinada à Sé de Lisboa; o tio materno, apesar da deshonra que isso significava para a família, quis ajudá-los, como funcionário público, improvisando documentos, mas de nada lhes valeu tanto trabalho porque a Sé venceu em toda a linha. Os três Chaves — o mais velho tinha vinte e cinco anos e o mais novo vinte e um — beravam, espumando de raiva, que aquela fortuna lhes pertencia e que haviam de tomar conta dela, custasse o que custasse. As ameaças eram proferidas com tal convicção que, conta-se no já citado folheto de cordel, certo cônego da Sé, ao receber o tesouro, fingiu arrecadá-lo junto aos outros tesouros, mas ocultou-o num túmulo de pedra, existente num terraço, ou pátio, da Sé. Quem revelou este segredo foi um dos dois operários que colaboraram, pela calada da noite, com o cônego, já velho e sem forças para essa empresa, em que era necessário erguer uma pedra tumular. Esse operá-



A porta do tesouro

rio frequentava uma taberna; e embora de costume fôsse sóbrio nas bebidas — certo domingo encontrou quem o regalasse com bons vinhos; e uma vez toldado pelo álcool — deixou escorregar pela língua fora o segredo, embora o sr. cônego o tivesse feito jurar silêncio até à hora da morte...

«Foi por essa época — 1820 e 1830 — que se começou a falar, pela primeira vez, no «Fantasma da Sé.» Vizinhos e transeuntes noctívagos viam, alta madrugada, um vulto branco sirandar pelas torres; luzes que se acendiam, moviam e apagavam, como pálidas estrelas vagabundas e caídas sobre o templo; gemidos, berros, todo o cortejo que costuma acompanhar as almas penadas. Isto durou meses. Falou-se na violação de túmulos... O tal cônego foi encontrado morto, a meio de uma escada, fulminado por uma síncope... Um sineiro que subia a torre, às primeiras horas da manhã, tropeçara com êle, e viera gritar que tinha sido o fantasma quem o matara. O que fazia o cônego áquelas horas naquela escada, nunca se apurou. Esta primeira série de aparições suspende-se simultaneamente a um *fata-divers* vulgar. Um médico é chamado urgentemente a vêr um indivíduo que apresenta várias fracturas graves em consequência de uma queda que a família não sabe explicar. O ferido morre pouco depois. Chama-se Eduardo Chaves. Desde então as aparições do fantasma sucedem-se com intervalos que vão de dez a vinte anos. Evocarei apenas duas que deixaram rasto. A de 1878, coin-

cidindo com a prisão, na Sé, de um sujeito que o pessoal da igreja encontrou oculto num esconcho qualquer, depois de terem fechado os portões, e a de 1901, que coincide com um pequeno episódio que os jornais registaram: A policia recebeu uma denúncia contra um penhorista receptor de furtos. Passada uma busca aos armazens do denunciado, encontraram um cálice em ouro, cravejado de pedras, e de invulgar preço. Apertado com perguntas, o penhorista confessou que o comprara por dez contos a um sujeito que lhe garantira a honrada procedência da joia e que lhe dissera necessitar vendê-lo para realizar uma urgente viagem. Ora bem. O sujeito prêso em 1878, por se ocultar, de noite, na Sé, chamava-se Humberto Chaves; o vendedor do cálice de ouro, em 1901, segundo a policia pôde apurar, embora sem conseguir prendê-lo porque emigrara para sitio incerto, chamava-se José Chaves! A penúltima aparição do pseudo fantasma foi em 1915. «A Capital» explorou o assunto, ora troçando ora dizendo que, de facto, um dos seus *reporters* tinha testemunhado fenómenos singulares, nas torres da Sé, a meio da madrugada. Pouco depois, o ilustre escritor e jornalista Rocha Martins publicou um emocionante folheto policial no «Século», intitulado «A Grande Ladra», cujo enredo girava em redor do tesouro da Sé. Como você sabe, a semelhança física entre Rocha Martins e o ex-deputado democrático dr. Mendes Silva é tão flagrante que amigos íntimos os confundem. Uma tarde, na «Brasileira» do Rossio, estando o dr. Mendes Silva na minha mesa, acercou-se-lhe um individuo bem trajado que pediu para falar-lhe em particular. Tomando-o pelo glorioso autor do «D. Carlos», declarou-lhe ser um leitor entusiasta do seu folheto e desejava saber, por mera curiosidade, se certos dados referentes ao lugar onde estava guardado parte do tesouro da Sé eram fantasia do romancista ou se se baseavam em factos reais. O dr. Mendes Silva, rindo-se, desfez o equívoco. Neste momento atravessava o «café» um outro individuo que saudou o «assíduo leitor» com um «Adeus ó Chaves! Cá por Lisboa?»

«Coincidências? Talvez... De facto já sabia que o fantasma reaparecera... Na noite de 8 para 9 do actual mês, há quem jure ter visto um vulto branco a passear pelas torres e luzes que se apagavam e acendiam e se cruzavam misteriosamente... E o mais curioso é que eu, que nunca desisti de averiguar se os filhos do Pinto tinham ainda descendentes, apurei que existe um Rogério Chaves, que se intitula proprietário em Manaus, casado com uma senhora brasileira, e que ainda o ano passado vivia na Rua da Ilha do Pico.»

R. X.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sortes grandes!!!

O grande livro do Outono

O "Fado da Mouraria"

O último romance de Norberto de Araújo

MEU querido Norberto: A amizade que o meu espírito dedica ao teu espírito, a admiração que a tua alma impõe à minha tornariam sempre suspeitas todas as críticas que fizesse às tuas obras — se elas não tivessem como eloquentíssima confirmação o êxito que alcançaram e a evidência do seu próprio valor. Mas «isto» não é uma crítica... É apenas uma carta, um abraço, não à obra, mas ao autor, ao amigo. A obra pode esperar o meu pobre comentário, porque, como todos os teus livros, sabe caminhar sôzinha, galga todos os calvários, gloriosamente, sem necessidade dessas pirotécnicas, desses «very-lights» que são o único triunfo dos falhados e que alarmam, em vez de alertar, os leitores...

Escrevo-te porque sinto a necessidade de desabafar. Nascermos quasi na mesma banca de redac-



Norberto de Araújo

ção, atogeados de ilusões, iludidos de esperanças, e esperançados em que todos fossem como nós...

Apaguemos esta lágrima de saudade — que este dia é de valioso prémio para ti. Dizem que em Portugal se lê pouco. Pudera! Em Portugal só se pensa em satisfazer as falsas *élites*, auto-seleccionadas, as exigências «snobs» de uma aristocracia carnavalesca — tão nobre de espírito como elegantes são os sobas de tanga e chapéu alto. Já reparaste que só se escreve com a preocupação dos gostos maçónicos dessas *élites*, que só se procura interessá-las, que até o teatro e o cinema — o próprio cinema que era o último refúgio de emoção dos simples, dos extra-*élite*, se tornaram em espectáculos exclusivos dos *snobs*, com salas luxuosas, lugares caros, sem geral nem *promenoir* e exibindo apenas filmes ignais aos livros, ignais às peças?... Ora essa *élite* compõe-se de meia dúzia de catitas. Os outros não têm direito de saborear uma hora de nobre emoção. E'-lhes negada uma literatura que eles compreendam — e sobretudo que eles sintam. E afinal são tão dignos de possuírem a sua literatura como os outros! É afinal é mais nobre e elevada essa literatura do que a outra, porque é a literatura da verdade e das almas. Ora todo o segredo do teu êxito está em que escribes para que todos sintam o que tu sentes. Marcaste o teu caminho no «Amor Humilde». E, como sempre, não desertas. Bem hajas.

Um grande abraço do teu velho

REPORTER X

HOMEM QUE D. CARLOS LOS IN- VEJAVA

70 anos de idade!...

— João Rodrigues, um criado para os servir... Poucos serão aqueles dos nossos leitores que não conhecem o velho João Rodrigues, setenta anos de idade e cinqüenta de profissão, que tem fornecido comida e vendido café a meia cidade, privado com artistas e fidalgos, actores e jornalistas, pintores e financeiros, que viveu parte dos grandes acontecimentos que emocionaram esta pacata Lisboa há meio século a esta parte. Depois de ter estado na «Brasileira» turbulenta e no «Martinho», onde viveu uma geração de escritores e jornalistas; no «Madrid», onde se elaborou o plano de acção que conduziu à República; no «Bragança», onde conviveu com reis; depois no «Imperial» tradicionalista, o velho João Rodrigues continua honradamente a sua profissão no bar da Casa da Imprensa, onde, juntamente com magníficas refeições, vai, dia a dia, desdobrando uma página ou um capítulo das suas memórias interessantíssimas, em que há sempre um episódio desconhecido, um conceito novo, aqui e além recheado duma original filosofia, filha da sua longa prática da vida e não menos longo trato com os homens da mais diversa mentalidade. É ele próprio que se apresenta:

— João Rodrigues, criado há cinqüenta anos, natural de S. Paio de Abades, na provincia de Orense, hoje quasi reformado...

— O mais antigo criado de Lisboa?

— Não! O mais antigo é o Benito, que há pouco tempo esteve no «Itália» e no «Bristol», e que já partiu para a Galiza com meia dúzia de patacos amalhados, tostão a tostão, mercê das gorjetas generosas. Foi um criado que se tornou célebre pela sua extraordinária semelhança com o almirante Gago Coutinho.

«AS GORJETAS! O QUE ELAS ERAM E O QUE SÃO!»

— As gorjetas! — exclama João Rodrigues. — O que elas eram e o que são hoje! Muito menores, rendiam muito mais. As pessoas ricas davam um vintém, e meio tostão era uma gorjeta rara, verdadeira gorjeta de lord.

O João, que é um conversador incansável, diz depois com certo ar de desalento:

— Que saudades! Havia meses de ganhar cinqüenta mil réis, enquanto hoje, com gorjetas umas poucas de vezes maiores, mal se tira quinhentos escudos...

Deixamo-lo falar. Travar-lhe a conversação seria tão difícil como evitar que o Tejo corresse

para o mar. O João agora entra num capítulo novo das suas memórias. Fala das pessoas com quem conviveu. Reis, poetas, toureiros, homens da finança, políticos, literatos. «Boa gente, todos» diz. — Comiam, bebiam e pagavam quasi sempre. Depois personaliza:

— No «Leão de Ouro» conheci o Bordalo Pinheiro, João Vaz, Columbano, de quem fiquei amigo até à morte, e mestre Malhó, que tinha por mim muita estima.

CONTENDAS QUE MESTRE JOÃO NUNCA PERCEBEU

Depois de fazer esta evocação rápida do saudoso «Grupo do Leão», mestre João — mestre respeitável dos criados de Lisboa — fala dos escritores que por ali passaram: Ramalho, Eça, Marquês de Ficalho, Fialho de Almeida, (este sempre zangado com o Eça numa contenda que ainda existiria se fôsse vivos. O que mais fazia admirar o João eram as discussões que estes homens mantinham sempre vivas, e que ficavam sempre por resolver. Questões literárias ou artísticas, às vezes, poucas, questões politicas, e outras ainda questões de tiros, como aquela em que uma vez se viu envolvida a Viscondessa de X... E comenta:

— Foi no Carnaval. A-pesar-de ser um caso muito falado, os jornais nunca disseram nada.

É difícil acompanhar o João na sua conversa vertiginosa, pois que não escreveríamos um artigo, mas antes um volume de memórias... alheias.

Esteve depois no Grémio Literário, na Casa Inglesa, no «Suíço», no Hotel Central, no Café Madrid, no Hotel Bragança, e por fim no «Imperial».

D. CARLOS I, UM GRANDE AMIGO

Mas o grande capítulo, aquele que ele conta sempre com emoção, é o que se refere ao Rei D. Carlos, de quem foi amigo pessoal, modestia à parte. Faz o elogio do rei a quem a tragédia do Terreiro do Paço tirou a vida, para dizer em seguida, não sem que a comoção lhe embargue a voz:

— Era meu amigo. Éle, o Rei, o primeiro de todos os portugueses, eu... um pobre criado gallego, sempre que me encontrava na rua me saudava pelo nome e me dizia: «Adeus João».

Este introito é obrigatório. Depois, o João, que serviu operários, bispos, artistas e até reis, conta a melhor aventura da sua vida:

— Quando D. Carlos foi ao Algarve, e se hospedou no Paço Episcopal, eu fui um dos criados que o acompanharam. Uma noite encontrou-me no

corredor e pediu-me um fósforo. Como manda etiqueta, a que D. Carlos, diga-se de passagem não ligava grande importância, fui a correr buscar um castiçal, mas o Rei não consentiu. Muito à vontade, a rir-se, disse-me: «Dá cá um fósforo, homem! Não sou de imposturas»...

E o João continua, embevecido na melhor recordação da sua vida:

— Depois de acender o charuto bateu-me no ombro, tal e qual como o senhor costuma fazer, e disse para o oficial que o acompanhava: «Estes é que são felizes!» Respondi-lhe: «Vossa Real Magestade está a mangar!» O Rei, muito a sério, respondeu: «Es mais feliz do que eu. Quem me dera a tua vida. Fazes o que te apetece, vais para onde queres. E eu...» Com que tristeza — remata o João — éle me disse aquele «e eu...» Parece que até tinha inveja da minha liberdade. Nunca mais me esqueceram aquelas palavras...

UM ALTO PROBLEMA POLÍTICO

— O João ficou monárquico para toda a vida?

— Eu?... Tenho fregueses comunistas, monárquicos, republicanos, anarquistas, católicos, ateus. Como não seria decente ter estas ideias todas, não tenho nenhuma.

— Mais coisas curiosas? — pergunto.

— No «Suíço» tive um freguês, que decerto conheceu de nome, que todos os dias, invariavelmente, comia um bife. Era o poeta Guerra Junqueiro. Nós só o conhecíamos pelo «365 bifés»...

— E nunca serviu republicanos?

— Eram muito meus amigos. No «Madrid», onde agora está o Ramiro Leão, juntavam-se o Magalhães Lima, Afonso Costa, António José, Botto Machado, Feio Terenas e outros. Ali fizeram o plano de ataque à monarquia, e falavam com tal confiança, tinham tanto a certeza da vitória, que parece que eu fui a única pessoa, além d'elles, que se não admirou da vitória do 5 de Outubro.

— Nunca ninguém se zangou comigo — diz o João com justificado orgulho — e eu não tenho razão de queixa de qualquer freguês.

Também foi essa a sua maior aspiração, e como poucos mortais pôde ter a grande felicidade de a ver realizada.

— E conheceu mais reis? — perguntei para fechar a entrevista, que não pode ser infundável como as suas recordações.

— D. Luiz, que era muito bom para todos, e D. Maria Pia foram servidos por mim. Servi o Rei de Espanha e o Imperador da Alemanha. O mais original era o Rei de Sião, que gostava imenso de sardinhas assadas...

E ao João, quando fala da sua aldeia, toldam-se-lhe os olhos. «Tão pequenina, tão bonita...» O João é grande amigo dos portugueses de quem faz o elogio, não fugindo assim às regras do «Manual do Perfeito Entrevistado». Mas, mais expressivo do que as suas palavras, mais elogiioso do que elas, é o facto de que casou em Portugal e cá lhe nasceram os filhos, cá lhe têm nascidos os netos.

COSTA JÚNIOR

OS MELHORES ALVAIADES



EM MASSA

Deposítários Gerais para Portugal e Colonias:
CARLOS CORREIA & C.ª Lda.

Rua Mousinho da Silveira — PORTO

NOVELA N.º 39

Quinta-feira, 1 de Outubro de 1931

A AVENTURA DE UM
PORTUGUÊS NA RÚSSIA



SENSACIONALÍSSIMO
ORIGINAL INÉDITO DE REPORTER X

L M

